



REVISTA DIGITAL DO LAV/UFSM

CONVERSÇÕES ENTRE ARQUIVO,
GÊNERO E SEXUALIDADE

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO**

Denise Meller Losekann

REVISTA DIGITAL DO LAV/UFMS – CONVERSÇÕES ENTRE ARQUIVO, GÊNERO E SEXUALIDADE

Santa Maria, RS

2020

Denise Meller Losekann

REVISTA DIGITAL DO LAV/UFSM – CONVERSÇÕES ENTRE ARQUIVO, GÊNERO E SEXUALIDADE

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção de título de **Mestra em Educação**.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Marilda Oliveira de Oliveira

Santa Maria, RS

2020

This study was financed in part by the Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Finance Code 001

Losekann, Denise Meller
Revista Digital do LAV/UFSM - Conversações entre
arquivo, gênero e sexualidade / Denise Meller Losekann.-
2020.
102 p.; 30 cm

Orientador: Marilda Oliveira de Oliveira
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Maria, Centro de Educação, Programa de Pós-Graduação em
Educação, RS, 2020

1. Revista Digital do LAV 2. Arquivo 3. Gênero e
Sexualidade 4. Educação e Artes I. Oliveira, Marilda
Oliveira de II. Título.

Sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFSM. Dados fornecidos pelo autor(a). Sob supervisão da Direção da Divisão de Processos Técnicos da Biblioteca Central. Bibliotecária responsável Paula Schoenfeldt Patta CRB 10/1728.

Declaro, DENISE MELLER LOSEKANN, para os devidos fins e sob as penas da lei, que a pesquisa constante neste trabalho de conclusão de curso (Dissertação) foi por mim elaborada e que as informações necessárias objeto de consulta em literatura e outras fontes estão devidamente referenciadas. Declaro, ainda, que este trabalho ou parte dele não foi apresentado anteriormente para obtenção de qualquer outro grau acadêmico, estando ciente de que a inveracidade da presente declaração poderá resultar na anulação da titulação pela Universidade, entre outras consequências legais.

Denise Meller Losekann

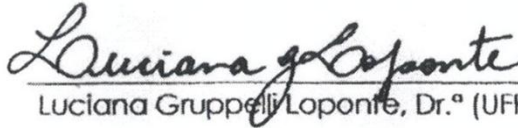
REVISTA DIGITAL DO LAV/UFSM – CONVERSÇÕES ENTRE ARQUIVO, GÊNERO E SEXUALIDADE

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção de título de **Mestra em Educação**.

Aprovado em 16 de novembro de 2020:



Marilda Oliveira de Oliveira, Dr.ª (UFSM)
(Presidente/orientadora) -
Videoconferência



Luciana Gruppelli Loponte, Dr.ª (UFRGS) -
Videoconferência



Márcia Eliane Leindcker da Paixão, Dr.ª (UFSM) -
Videoconferência

Santa Maria, RS
2020

Agradecimentos

Fortalece-se aquele/a que encontra a liberdade pela audácia de experimentar, pela coragem de enfrentar o mundo, pela firmeza de apostar em si, pela generosidade de contar com os/as outros/as.
AFETOS (bio)POLÍTICOS - CORAGEM, Razão inadequada.

À Marilda por ter nos acolhido (a mim e a esta pesquisa) com tanta generosidade.

Ao antigo e atual Grupo de Orientação Coletiva, Ana Cláudia, Angélica, Carin, Caue, Cláudia, Cristine, Francieli, Marcela, Rafael, Rosenara e Vivien, pela partilha e generosidade.

À banca examinadora, Francieli, Luciana e Márcia, por ter aceitado fazer parte deste processo.

À minha família pelo cuidado e apoio às minhas escolhas.

Aos amigos que estiveram comigo em todos os momentos, mesmo que a distância, Theo, Luciano, Emileidi, Silas e Célia.

À Isis, minha companheira felina, pelo amor e pela cumplicidade.

À Capes pelo financiamento parcial da pesquisa.

[...] o limite é uma coisa inapreensível que só pode ser abordada por sua função de irrupção e mudança no âmago. Você não pode identificar o limite, mas pode rastrear seus efeitos. [...] Esses efeitos são transformações, mudanças, reavaliações. O trabalho do limite é abrir e mudar nosso senso de seu papel como verdade e valor estáveis. E se a vida tivesse diferentes padrões? E se nossas verdades estabelecidas fossem outras, não o suposto? Como podemos fazer as coisas diferentes?

(WILLIAMS, 2013, p. 15-16).

RESUMO

REVISTA DIGITAL DO LAV/UFMS – CONVERSÇÕES ENTRE ARQUIVO, GÊNERO E SEXUALIDADE

AUTORA: Denise Meller Losekann

ORIENTADORA: Marilda Oliveira de Oliveira

Esta dissertação propõe conversações entre arquivo, gênero e sexualidade e acolhe a Revista Digital do Laboratório de Artes Visuais (RDLAV) da Universidade Federal de Santa Maria (UFMS) como materialidade, considerando as produções discursivas postas em circulação por esse periódico, bem como o que tem sido produzido no campo da Educação e das Artes e as possíveis relações entre gênero e sexualidade. Lança-se como questão-problema: o que pode a RDLAV enquanto arquivo e suas conversações no jogo de forças entre gênero e sexualidade? Dessa forma, os agenciamentos entre educação, arte, gênero e sexualidade (BUTLER, 2018; LOURO, 2013, 2014) articulam-se com os conceitos de arquivo, discurso, enunciado (FOUCAULT, 1997, 2000, 2004), micropolítica e embriões de mundo (ROLNIK, 2018a), compondo conversações com esses campos de investigação. Considera-se a Revista Digital do LAV (RDLAV) um arquivo/mundo permeado por múltiplas vozes, o que possibilita pensar um arquivo dissipador que pode acontecer mais pelos lapsos, pelos intervalos e pelas falhas/ausências do que por um encadeamento aglomerado de discursos. Assim, a metodologia neste estudo se ampara na noção de arquivo, o que corrobora para problematizar tal noção e permite, também, possíveis torções no modo de operá-la. Com isso, como resultados se apresenta um arquivo/mundo composto por blocos de sensações e fragmentos, movimentado por mergulhos provisórios, que acontecem por meio de conversas e arranjos entre imagens, escritas, conceitos e gritos de silêncio.

Palavras-chave: Revista Digital do LAV. Arquivo. Gênero e Sexualidade. Educação e Artes.

ABSTRACT

REVISTA DIGITAL DO LAV/UFSM – CONVERSATIONS BETWEEN ARCHIVE, GENDER AND SEXUALITY

AUTHOR: Denise Meller Losekann

ADVISOR: Marilda Oliveira de Oliveira

This dissertation proposes conversations between archive, gender and sexuality and welcomes the Visual Arts Laboratory Digital Journal (RDLAV or *Revista Digital do LAV*) of the Federal University of Santa Maria (UFSM) as materiality, considering the discursive productions put into circulation by this journal, as well as what has been produced in the field of Education and Arts and the possible relations between gender and sexuality. It is set as the issue-problem of this dissertation: what can the RDLAV do while archive and its conversations in the play of forces between gender and sexuality? Therefore, the assemblages between education, art, gender and sexuality (BUTLER, 2018; LOURO, 2013, 2014) hang together with the concepts of archive, speech, utterance (FOUCAULT, 1997, 2000, 2004), micropolitics and embryos of the world (ROLNIK, 2018a), forming conversations with these fields of investigation. The *Revista Digital do LAV* (RDLAV) is considered an archive/world permeated by multiple voices, which makes it possible to think a dissipative archive that can happen more through the lapses, the intervals and the failures/absences than through an agglomerated chain of speeches. Thus, the methodology in this study is based on the notion of archive, which corroborates to problematize such notion, and also allows possible twists in the way of operating it. Therefore, the results present an archive/world composed by blocks of sensations and fragments, moved by provisional dives, that happen through conversations and arrangements between images, writings, concepts and cries of silence.

Keywords: Revista Digital do LAV. Archive. Gender and Sexuality. Education and Arts.

Sumário

ENTRE MUNDOS E TERRITÓRIOS

Caminhos desejanter11

ENTRE EMBRIÕES E MUNDOS E...

A Revista Digital do LAV (RDLAV)29

Outros arquivos/mundos60

ENTRE CONCEITOS E MOVIMENTOS64

Arquivo, enunciado e discurso65

Gênero e sexualidade: insistências e implicações78

PALAVRAS QUE TRAVAM

ou sobre o esboço de outros possíveis90

REFERÊNCIAS96

ENTRE MUNDOS E TERRITÓRIOS

Caminhos desejanter

Pesquisar trata-se de experimentar; experimentar outros conceitos, outros percursos, atravessar diversos territórios e desterritorializá-los, mobilizando modos de fazer pesquisa e de ser pesquisadora em constante produção. A partir de Deleuze e Guattari, compreendo que a desterritorialização é o movimento de abandono do território, é “[...] a operação da linha de fuga” (2012a, p. 238), e a reterritorialização é o movimento de constituição do território, movimentos esses que não podem ser dissociados. Por assim entender, a pesquisa desenvolvida configurou-se inicialmente como um território desconhecido por mim, inscrito nos meandros do por vir. Apresentou-se como possibilidade de movimento em meio à educação e às artes e em meio ao arquivo, ao ser atravessada pelas questões de gênero e sexualidade que seguem pulsantes neste corpo-pesquisadora há algum tempo.

Na Licenciatura em Artes Visuais da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Rio Grande do Sul, desenvolvi o trabalho de conclusão de curso intitulado ‘Entre produções docentes e artísticas – modos de *artistar* uma docência’ (LOSEKANN, 2018), no qual busquei perceber as tramas que entrecruzam a docência em arte de modo que pudesse experimentar possibilidades de uma docência artista (LOPONTE, 2006, 2008, 2013)

atravessada pela educação menor (GALLO, 2003, 2012, 2016), pelos estudos de gênero e pelos estudos feministas (LOURO, 2013, 2014).

Naquele momento, a pesquisa foi operada pelo método biografemático de escrita (CORAZZA, 2013, 2014), tensionada pelo incômodo ante os modelos universais de feminilidade, de masculinidade, de lugar de artista, de professora e de marginalidade, bem como de centralidade dos corpos. A proposta foi produzir alguns desarranjos nas maneiras enrijecidas de viver e, quem sabe, possibilitar outros modos de existência. No estudo questioneei alguns dos parâmetros estabelecidos pela sociedade moderna que fixam identidades, classificam e condicionam os sujeitos, atribuindo-lhes papéis e formas 'sadias' e 'normais' de ser, agir e pensar (LOURO, 2013).

Ao problematizar o sistema ainda hegemonicamente masculino que vigora no campo das artes visuais e seu ensino, confrontei-me com alguns discursos que permeiam o espaço acadêmico, carregados de estereótipos e preconceitos – como exemplo, poderia citar a distinção corriqueira entre a genialidade masculina do artista e os papéis atribuídos ao feminino, da professora, isto é, a divisão entre quem produz e quem ensina arte. Questionando os discursos universais produzidos e reproduzidos nesse meio, os quais acabam por instituir valores, discursos e verdades, que, por sua vez, produzem modos de subjetivação e que vão nos constituindo enquanto sujeitos, pude perceber como os/as estudantes iam se produzindo afetados/as pelas visualidades do cotidiano e pelas verdades instituídas sobre

seus corpos no espaço escolar e nos ambientes em que estavam inseridos/as. Ainda, pude perceber e problematizar algumas linhas que me constituíam professora-artista nesses entrecruzamentos, contaminada pelos estudos feministas e de gênero.

É visível que as questões de gênero e sexualidade e os discursos sobre elas estão implicados nos nossos modos de existência. Por meio delas somos muitas vezes segregadas e ainda vemos arrancada a nossa capacidade de criar modos de vida mais livres. Assim, cabe ressaltar que é fulcral perceber a linguagem como campo de disputas, permeado por relações de poder, pois, a partir dela e com ela, vozes são apresentadas e também ocultadas. Tal entendimento corrobora para indagá-la e forçá-la a outros arranjos, forjando “[...] micropolíticas contra-hegemônicas nos espaços por nós ocupados enquanto pesquisadoras [...]” (MENDES et al., 2019, p. 26), para que nela a multiplicidade de vozes seja ouvida e sentida.

Isso posto, apostei na tentativa de uma escrita menos condicionada aos padrões masculinistas, menos sexista, ainda que em alguns momentos ela seja binária, não por querer excluir outros sujeitos, mas por não ter o domínio de uma linguagem não binária neste momento, tomando cuidado para que sobre ela não recaia o fantasma da banalização. Dito isso, afirmo que, nesta dissertação, pesquisa e vida são indissociáveis, compondo-se e entrelaçando-se na tentativa de tramar outros possíveis a cada

desterritorialização/reterritorialização, a cada encontro com o/a outro/a, à espreita de experiências que possam vir a acionar e mobilizar as potências do agir e do pensar.

Ao passo que fui produzindo movimentos em meio à educação, à arte e à vida, comecei a perceber as implicações diretas dos temas de gênero e sexualidade em meu modo de existência e percurso acadêmico. No decorrer da graduação, finalizada em 2018, senti no corpo, na pele, os efeitos de alguns significados atribuídos para uma mulher, homossexual e artista que pinta mulheres. Automaticamente fui sendo enquadrada em alguns discursos sexistas, machistas, homofóbicos, classificatórios, condicionantes e cristalizados, no que se referia às motivações que levavam à produção de meus trabalhos. Para muitos/as, os trabalhos que produzia revelavam minha sexualidade – ‘pinta mulheres porque é lésbica’ –, ou seja, eram lidos como resultado de minhas possíveis ‘inclinações sexuais’. O que se via, na maioria das vezes, era o modo como eu vivia a minha sexualidade. Porém, pintar, gravar aqueles corpos que estavam à margem ou que não faziam parte da roda das brincadeiras era o que movimentava meus pensamentos e os tensionava para a produção de outras narrativas imagéticas e discursivas.

Como um modo de problematizar essas leituras de caráter homogeneizador, de visão limitada sobre minhas produções artísticas/acadêmicas – que, de certa maneira, interditavam e excluía as problematizações que fui produzindo durante os percursos como discente, artista, pesquisadora e professora em formação e que deixavam de perceber e

invisibilizavam multiplicidades, na tentativa de condicionar a uma identidade fixa e cristalizada –, atentei para as ausências, para as interdições que gritavam, causando desassossego e desconforto, e carreguei-as em mim para os planejamentos de aula, deixei que falassem nos projetos de pesquisa...

O que havia era o desejo de luta, movimentos de resistência em minhas produções enquanto mulher, pesquisadora e artista, e não a mera representação de desejos sexuais. Eram e ainda são desejos de diferentes modos de existência, de preservação da vida, de visibilidade, de direitos, de questionamentos dos universais, de (des)pertencimento, de ocupação dos espaços também no universo acadêmico e artístico, mesmo que à margem. Tratava-se, ainda, da fuga de uma 'lógica de oposição ao homem' (ROLNIK, 2018a), para que fosse possível desarticular a soberania do masculino e as desigualdades de gênero. Assinalo que essa colocação não diz respeito a uma hierarquização ou exclusão de um ou de outro, mas a um movimento para estabelecer convivência entre todos/todas/todes.

Como desdobramento disso e articulada ao cenário atual, do momento 'contrarrevolucionário' que estamos vivendo, alio-me a Suely Rolnik (2018a) para problematizar essas situações e tentar produzir alguns ruídos, algumas perturbações e alguns movimentos de resistência diante desses 'períodos de convulsão', acerca dos quais a autora afirma: "[...] são sempre os mais difíceis de viver, mas é neles também que a vida grita mais

alto e desperta aqueles que ainda não sucumbiram integralmente à condição de zumbis” (2018a, p. 25).

Penso que é nesses períodos – como o que estamos vivenciando em meio a uma pandemia mundial, em que se faz necessário o isolamento social, que implica o cuidado de si e dos/as outros/as, e em que os gestos sensíveis de um corpo podem incomodar mais do que o número de mortos – que forças reativas brotam com seus discursos conservadores, midiáticos e massivos, em nome de uma moral que pretende enjaular e sabotar o corpo que busca conhecer a si mesmo e se libertar. É nesse tempo que é preciso se reapropriar da vida em sua plenitude e dignidade; é no cotidiano que podemos resistir e existir em/com nossa singularidade.

E, para não sucumbirmos a essa condição de zumbis, ante esse regime que se impõe e investe na manutenção e conservação dos modos vigentes de ser, agir e pensar e também do “[...] abuso da força vital de criação e cooperação” (ROLNIK, 2018a, p. 36-37), é que precisamos escrutinar “[...] vias de acesso à potência da criação em nós mesmos: a nascente do movimento pulsional que move as ações do desejo em seus distintos destinos. Um trabalho de experimentação de si que demanda uma atenção constante” (ROLNIK, 2018a, p. 37).

Em consonância a isso, na busca de possíveis caminhos para o desenvolvimento da pesquisa, encontrei e percebi a Revista Digital do Laboratório de Artes Visuais (RDLAV)¹ como um importante dispositivo² de resistência propositiva no campo da educação e das artes. Ainda que não aborde os temas de gênero e sexualidade como pontos centrais, a revista apresenta pequenos deslocamentos, como a utilização da linguagem não sexista (ainda mesmo que, em alguns momentos, binária) em suas publicações, as alianças que vêm fazendo com autores/as e também, recentemente, o dossiê 'Gênero, Sexualidade, Cultura Visual e Educação', organizado pelo Prof. Dr. Anderson Ferrari, da Universidade Federal de Juiz de Fora, Minas Gerais, publicado na segunda edição do ano de 2020.

Ressalto, ainda, que as imagens que entrecruzam a escrita são tensionadores importantes para pensar as questões de sexualidade e gênero abordadas aqui. Algumas delas foram produzidas por mim no percurso desta pesquisa nas disciplinas do Curso de Mestrado em Educação, de modo que pudesse fabricar/criar algumas composições,

¹ A Revista Digital do LAV (RDLAV) pode ser encontrada no seguinte endereço: <https://periodicos.ufsm.br/revislav>.

² Um dispositivo é, antes de tudo, multilinear, formado por linhas distintas; linhas essas que não delineiam sistemas homogêneos por si só, porém “[...] seguem direções, traçam processos que estão sempre em desequilíbrio” (DELEUZE, 2015, p. 83), de modo que ora se aproximam, ora se distanciam “[...] umas das outras” (DELEUZE, 2015, p. 83). As linhas constituintes de um dispositivo são linhas de visibilidade, linhas de força, linhas de enunciação, linhas de subjetivação, linhas de fissura, brecha ou fratura, as quais se atravessam e se misturam, gerando ramificações por meio de modificações ou variações de agenciamentos (DELEUZE, 2015).

enquanto as demais foram produzidas por Rafael Durante³. Rafael produziu as fotografias no momento em que integrava o Ateliê de Fotografia I e II do Curso de Licenciatura em Artes Visuais da UFSM, no período de 2015 e 2016. As duas séries de fotografias disparam linhas que viabilizam a problematização e a desconstrução da masculinidade, ao criar com as imagens instrumentos estético-conceituais capazes de desacomodar alguns estratos fixados.

Na série I, produziu fotografias em ambiente domiciliar, com uma modelo transgênero, incorporando a ela adereços e acessórios como maquiagens, sapato de salto alto e meia arrastão, com o intuito de propor a discussão da construção social desse corpo, envolto por papéis e atribuições sobre as maneiras como deveria se compor.


Na série II, as fotografias foram elaboradas na forma de autorretratos, pensadas junto dos movimentos atribuídos ao corpo, como gestos delicados e sensíveis com braços e mãos, os quais, muitas vezes, não são aceitáveis socialmente por se afastarem do 'ideal' de masculino, representado pelo andar robusto e pela dureza dos gestos. Posteriormente, foram aplicadas a essas fotografias imagens que destoavam desse estereótipo, como imagens com estampa floral, de modo que pudessem compor relações e provocar uma diferença na figura masculina que habita os imaginários. Assim, a desconstrução da masculinidade foi

³ Rafael é estudante de Mestrado do Programa de Pós-graduação em Educação da UFSM, na linha de pesquisa Educação e Artes – LP4, e colega nos grupos: Encontros de Orientação Coletiva (EOCs) e Grupo de Estudos e Pesquisas em Arte, Educação e Cultura (GEPaec). No decurso de minhas andanças fui capturada por suas fotografias, as quais tensionaram meu pensamento e acionaram problematizações frente aos temas que já vinha pesquisando como os de gênero e sexualidade.

o tema que atravessou suas produções fotográficas, de forma a indagar os papéis socialmente impostos, que ditam as maneiras como os corpos devem se apresentar e agir nos lugares pelos quais transitam.

Em meio aos percursos que realizei, percebi alguns movimentos como pequenas insurgências, deslocamentos e mudanças que não são imediatas e que ocorrem em longo prazo, as quais insisto serem relevantes, pois, como infere Rolnik (2018a, p. 35), não é suficiente resistir macropoliticamente ao regime vigente, “[...] é preciso agir igualmente para reapropriar-se da força de criação e cooperação – ou seja, atuar micropoliticamente”. Perceber essas insurgências como indícios de mudança, indícios de gérmenes de mundo, de preocupação com os povos por vir e de percepção de emergências figuram tentativas de criar modos de vida mais livres, o que se faz possível somente em um 'campo relacional e desde que nele prevaleçam desejos guiados por uma bússola ética' (ROLNIK, 2018a).

Imagino que “[...] desejar este acontecimento de uma vida não cafetinada é o antídoto para a patologia do regime” homogeneizador que reduz a subjetividade ao sujeito e “[...] cuja cegueira nos leva a um miserável narcisismo devastador” (ROLNIK, 2018a, p. 145). Foi com esse pensamento que esta escrita seguiu existindo...



Ao pensar na reapropriação da força de criação e em uma atuação micropolítica, que aposta no coletivo e almeja seguir os fluxos desejantes de vidas e pesquisas menos herméticas e conformistas, vistas ainda como forasteiras no campo da educação e das artes, ensaio a seguinte questão de pesquisa:

O que pode a Revista do LAV (RDLAV) enquanto arquivo e suas conversações no jogo de forças entre gênero e sexualidade?

Nesse contexto, aposto em vias que desestremem um regime homogeneizador e, no que concerne às escolhas que fiz para a proposição desta investigação, argumento que a Revista do LAV (RDLAV) é um arquivo que comporta multiplicidades, que se mostra aberto a diferentes perspectivas teóricas, metodológicas e artísticas e que, ao ser atravessado por inúmeras vozes e gritos de silêncio, pode constituir um meio prolífero de resistência, por possuir um olhar de campo aberto, um arquivo/mundo constituído por múltiplas vozes.

Sinalizo que se trata de um dos dois periódicos em educação e artes que se mantêm em vigência com publicações contínuas em âmbito nacional. A RDLAV publica desde o ano de 2008, com vitalidade e disposição para seguir lançando desafios/convites aos/às pesquisadores e pesquisadoras por meio de seus dossiês temáticos, de sua abrangência e de seus espaços de publicação contínua. Esse arquivo se encontra em um de meus territórios provisórios, no interior do estado do Rio Grande do Sul, na UFSM. A RDLAV suscita movimentos de resistência propositivos, que dão a ver, pondo em circulação, produções pertinentes no meio acadêmico e apresenta o que tem sido proposto pelos/as pesquisadores/as em educação e artes, área essa tão desacreditada, posta à prova a todo o momento.

Diante do exposto, a RDLAV constitui a materialidade desta pesquisa, que, ao ser articulada à concepção de arquivo de Foucault (1997), propõe possibilidades de forjar em meio a este estudo um arquivo dissipador que acontece mais pelos lapsos, pelos intervalos e pelas falhas/ausências do que por um encadeamento aglomerado de discursos. A

perspectiva assumida com as filosofias da diferença corrobora para problematizar a noção usual de arquivo, permitindo, ainda, possíveis torções no modo de operá-lo.

Tendo isso em vista, passei a pesquisar o que tem sido produzido no campo da educação e das artes, deixando-me afetar pelas produções discursivas postas em circulação pela RDLAV. Abordei, também, o complexo jogo de forças e formações discursivas que circula nesse periódico e que atravessa a esfera social e os corpos. De acordo com Silveira e Furlan (2003, p. 189), essas articulações de forças que atravessam "[...] os corpos visam a dispô-los dentro de determinada estratégia de poder, por meio do direcionamento de seus impulsos, vontades, sensações ou sentimentos".

Rosa Fischer (2012) explica que, para Foucault, 'subjetividade' tem a ver com o jogo de verdade em que está inserida a relação do sujeito com ele mesmo. São as técnicas, as práticas e os exercícios de poder "[...] num determinado campo institucional e numa determinada formação social – pelo qual ele se observa e se reconhece como um lugar de saber e de produção de verdade" (FISCHER, 2012, p. 54).

De modo geral e em consonância com o pensamento foucaultiano, pode-se dizer que os processos de subjetivação têm a ver com as relações de produção do sujeito, de si consigo e do outro consigo e aludem ao modo como o próprio sujeito se compreende enquanto sujeito legítimo de algum tipo de conhecimento, ou, ainda ao modo como este se compreende na relação sujeito-objeto. Objetivação e subjetivação são, assim, processos

dependentes, que se relacionam por intermédio dos jogos de verdades. Os “jogos de verdade”, de acordo com Foucault (2004, p. 235), são “[...] as regras segundo as quais, a respeito de certas coisas, aquilo que um sujeito pode dizer decorre da questão do verdadeiro e do falso”. Ou seja, são as formas pelas quais os discursos se tornam verdadeiros ou não, conforme as conjunturas em que são ditos e o modo como algum tipo de objeto se relaciona com o sujeito.

De tal modo, acolhi a noção de arquivo, desenvolvida por Foucault (1997, p. 150) em ‘A arqueologia do saber’, como “[...] uma prática que faz surgir uma multiplicidade de enunciados como tantos acontecimentos regulares, como tantas coisas oferecidas ao tratamento e à manipulação”. Segundo o filósofo, o arquivo está “[...] entre a tradição e o esquecimento, ele faz aparecerem as regras que permitem aos enunciados subsistirem e, ao mesmo tempo, se modificarem regularmente”, o que o torna “[...] o sistema geral da formação e da transformação dos enunciados” (FOUCAULT, 1997, p. 150).

Assim sendo, as produções acadêmicas que compõem essa área e temática foram tensionadores e disparadores importantes que potencializaram o desenvolvimento desta pesquisa, em que mapeei as principais temáticas presentes na RDLAV, operando-a enquanto arquivo, de modo a perceber seus agenciamentos⁴ em relação aos

⁴ De acordo com Guattari e Rolnik (2010), agenciamento refere-se a uma concepção mais abrangente do que as de forma, sistema, estrutura, montagem, processo etc. Ele abarca “[...] componentes heterogêneos, tanto da ordem biológica, quanto social, material, gnosiológica, imaginária” (GUATTARI; ROLNIK, 2010, p. 381).

apontamentos de gênero e sexualidade e a compreender os caminhos metodológicos e teóricos que os sustentam. Dessa maneira, realizei esta investigação alinhada às perspectivas pós-estruturalistas, que se distanciam dos valores morais fixos/estabelecidos e questionam as verdades universais instituídas.

Conforme Williams (2013), o pós-estruturalismo desloca os limites impostos como regra geral e acentua a diferença (ou diferença pura), ou seja, a diferença percebida como alternâncias (variações) abertas, afastando-se do entendimento estruturalista, que a toma como diferença entre coisas semelhantes. Portanto, os efeitos do limite são reavaliações, mudanças e transformações. Esse limite aberto e que não podemos apreender corrobora as grandes variações entre os/as autores/as que o compõem, o que leva Williams a dizer que o pós-estruturalismo é sintetizado por intermédio de seus autores/as e seus escritos, os quais produziram rupturas em nossas referências e nossas significações na linguagem, em nossos sentidos, em nossa compreensão das identidades, em nossa compreensão da história e de sua função no presente e também de nossa compreensão da linguagem enquanto “[...] algo livre do trabalho do inconsciente” (WILLIAMS, 2013, p. 16). Isto é, trata-se do rompimento como resistência às verdades e contraposições estabelecidas e fixadas.

Mobilizada pelo problema de pesquisa, articulei os conceitos de arquivo e enunciado (FOUCAULT, 1997, 2000, 2004) às questões de gênero e sexualidade (BUTLER, 2017, 2018; LOURO, 2013, 2014), problematizando os discursos que tratam do tema em si e que foram postos em

circulação e operação na referida revista. Além disso, busquei perceber como esses discursos puderam mobilizar uma pesquisa em educação e artes, criando possibilidades de escape, invencionando linhas de fuga no pensar, tornando-o possível uma vez mais.

Saliento que as questões de gênero e sexualidade implicadas nesta pesquisa são problematizadas junto a autoras alinhadas à perspectiva pós-estruturalista, como Butler (2017, 2018), Louro (2013, 2014) e Dias e Loponte (2019). Por essa vertente, entende-se que as subjetividades de gênero não podem ser tomadas por uma determinação biológica nem por uma essência que preexiste e que é inalterável. Dias e Loponte (2019, p. 4) afirmam que se trata “[...] de um conceito que lida com a provisoriidade das posições de sujeito e dos discursos que nos enredam, movendo-se num constante fazer[-se] e desfazer[-se]”.

Assim, as alianças que construí nesta escrita são da ordem do micro, não almejando as metanarrativas de grandes e imediatas mudanças/revoluções em um sistema hegemônico, mas, sim, pequenas rachaduras, pequenos ruídos que podem vir a ser sopros de vida, oxigenações possíveis nos nossos modos de luta, de resistência e existência, bem como na produção de pesquisas acadêmicas menos enrijecidas e invisibilizadas no campo da educação e das artes.

Com o intuito de conhecer o que já foi produzido nas pesquisas acadêmicas sobre o tema de interesse e traçar relações com as discussões abordadas nesta dissertação, realizei um sobrevoo por alguns repositórios digitais de investigações, como o Banco de Teses e

Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes) e a Biblioteca Digital de Teses e Dissertações (BDTD) da UFSM. Algumas das pesquisas que encontrei se distanciaram do tema proposto, outras se avizinham; aquelas com as quais foi possível traçar relações aparecem em meio a esta escrita em diferentes momentos.

A intenção foi forjar um arquivo onde a conversação fosse possível, não no sentido de consonância ou de complemento, mas no encontro de um texto com outro, pelo *intermezzo*, *intermezzi*, ali onde algo se passa, se alarga, com distintas intensidades e velocidades.

Propor conversações entre textos e imagens que se encontrem na lacuna, no vão ou na brecha, que já não pertencem de modo exclusivo à história e que escapam a um 'diálogo de mortos' (DELEUZE; PARNET, 1998), possibilitam uma conversa que acontece entre muitos e que se transfigura em uma *função* que multiplica possíveis, para acionar na pesquisa funções criadoras, por entre agenciamentos coletivos, e então fabricar/criar outras questões, para que seja possível provocar "[...] uma conversa interestelar, entre estrelas bem desiguais, cujos devires diferentes formam um bloco móvel que se trataria de captar, um inter-vôo, anos-luz" (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 14).

Na seção que abre a investigação, intitulada 'ENTRE MUNDOS E TERRITÓRIOS – caminhos desejantes', indico alguns caminhos que tracei, movida por desejos de alianças nos territórios provisórios por onde andei. Escrevo com respingos e contaminações, com

coisas que me afetaram e capturaram nessas andanças, onde também pinchei algumas das noções e alguns dos conceitos das autoras e dos autores com as/os quais me avizinei.

Já na seção 'ENTRE EMBRIÕES E MUNDOS E... A revista Digital do LAV (RDLAV)', apresento alguns dados sobre a revista, discorrendo acerca de sua abrangência, de suas publicações e um pouco de sua história, bem como apresento o conceito de embriões de mundo cunhado por Suely Rolnik e algumas produções de outros arquivos/mundos. Além disso, convido para a conversa outras duas revistas de educação e artes, a Revista Gearte (UFRGS) e a Revista Digital Art&.

Na terceira seção, 'ENTRE CONCEITOS E MOVIMENTOS', cruzo linhas acerca de arquivo, enunciado e discurso, bem como dos conceitos de gênero e sexualidade, percebendo algumas insistências e implicações.

E na quarta seção, nomeada 'PALAVRAS QUE TRAVAM ou sobre o esboço de outros possíveis', apresento o que pude compor na conversação entre arquivo, gênero e sexualidade em uma pesquisa em educação junto da arte, na tentativa de forjar um arquivo que não responde aos apelos edípicos, mas se compõe por conversas com as vozes e os gritos de silêncio que emergiram do arquivo/mundo RDLAV e da minha própria voz, que também ecoa coletiva. Abordo os movimentos que fiz em meio às palavras, aos enunciados e às imagens, ao explorar o arquivo enquanto metodologia de trabalho engendrado nesta dissertação, com suas múltiplas entradas e saídas, as quais denominei 'mergulhos provisórios'.

Dessarte, lanço um convite para aqueles/as que leem, para que possam também se avizinhar desse arquivo/mundo em que mergulhei, a RDLAV, por meio da apresentação durante o texto de fragmentos de artigos dessa revista, disponibilizados nas páginas que foram convocadas a uma conversação nesta pesquisa, entre textos, imagens e discursos, para quem sabe embrenharem-se por outros lugares, ensaiando seus próprios mergulhos.

ENTRE EMBRIÕES E MUNDOS E...

A Revista Digital do LAV (RDLAV)



Como escapar da normalização da origem de um arquivo?

Por quais vias é possível se embrenhar para escapar de um fechamento?

Como traçar caminhos metodológicos sem fixá-los ao acervo do arquivo usual, fadado ao armazenamento de memórias individuais?

Resende e Miguel (2015) entendem que, ao pensar o arquivo, pensa-se a memória, porém a memória que interessa é coletiva, afastando-se de um reducionismo ao particular e individual – que abriga a história majoritária, tomada como oficial –, pois “[...] afirmar uma memória coletiva é construir um lugar de resistência” (p. 148).

Em vista disso, ensaiei caminhos metodológicos para pensar a Revista Digital do LAV (RDLAV) como um arquivo/mundo, enquanto espaço que pulula multiplicidades, constituído coletivamente e entrecruzado por vidas e movimentos de resistência, que podem vir a acionar possibilidades de criação de outros modos de existências e de criação de mundos. Ao mesmo tempo que investi na ideia de criação de um arquivo/mundo, apostei em movimentos de mergulhos provisórios para escorrer por entre os discursos e enunciados postos em circulação pela RDLAV, almejando convocar outras imagens e escrituras a cada emersão.

A RDLAV da UFSM foi criada no ano de 2008, mesmo ano em que foi publicada pela primeira vez. Desde então a revista se dedica a veicular produções inéditas sobre Educação em Artes Visuais, Educação da Cultura Visual e demais temas pertinentes à Educação e à Arte. O periódico publica em torno de 30 artigos ao ano, nas seções de demanda contínua, dossiê temático – instituído a partir do ano de 2013 – e resenha – existente a partir do ano de 2014. Em 2014 passou a ser editado quadrimestralmente e a aceitar produções em língua inglesa – criações em língua espanhola já eram contempladas desde o surgimento da revista, tendo em vista as exigências de qualificação e abrangência dos critérios de avaliação da Capes. Possuía Qualis⁵ Capes (2013-2016) B1 em Artes/Música, B1 no campo Interdisciplinar, B2 em Educação e B2 em Filosofia; na última avaliação Qualis Capes (2017-2018), a revista passou para o estrato B1 em todas as áreas e, com isso, ampliou seu campo de adesão.

⁵ Qualis refere-se ao conjunto de procedimentos usados pela Capes para estratificação da qualidade da produção intelectual dos programas de pós-graduação. Foi criado para atender as premências específicas do sistema de avaliação e é baseado nas informações fornecidas por meio do módulo Coleta de Dados da Plataforma Sucupira, preenchida pelos programas de pós-graduação de cada área. Como resultado, essa plataforma disponibiliza uma lista com a classificação dos veículos utilizados pelos programas de pós-graduação para a divulgação da sua produção. Dessa forma, o Qualis afere a qualidade dos artigos e de outros tipos de produção, a partir da análise da qualidade dos veículos de divulgação, ou seja, dos periódicos científicos. Em 2019 foi adotada uma nova metodologia para as áreas de avaliação do Qualis Periódicos, com o intuito de buscar critérios mais objetivos que possibilitem traçar um paralelo mais equilibrado entre as áreas de avaliação, atentando, também, à internacionalização. Sendo assim, o periódico terá uma única classificação, recebendo apenas uma qualificação e sendo agrupado por áreas-mães (CAPES, 2019).

Na direção de obrar esta investigação durante os 24 meses previstos para cursar o Mestrado, optei por considerar as publicações da RDLAV realizadas no período de 2008 a 2020, abarcando apenas os dois primeiros números de 2020. Nesses 12 anos, foram publicados na seção 'Demanda Contínua' 227 artigos, na seção 'Dossiê Temático' 76 artigos e na seção 'Resenha' 02 resenhas.

Com o intuito de proporcionar às/aos leitoras/es uma forma de acesso mais estruturada aos conhecimentos que vão sendo produzidos na área da revista – Educação e Artes –, bem como de atender a estratégias editoriais e de oferecer um enfoque particular, de maneira a auxiliar antecipadamente os/as pesquisadores/as na preparação e organização de seus escritos em conformidade às problemáticas detectadas como atuais e pertinentes ao propósito da revista, foi disponibilizado, na edição de número 11, do ano de 2013, o primeiro dossiê temático – 'Visualidade e Educação: Incômodos'.

Para a realização do mapeamento das publicações da revista, procurei perceber as especificidades de cada seção, ou seja, da demanda contínua, que engloba um conjunto de textos inéditos na área da Educação em articulação com as Artes, isto é, uma conversa entre educação e artes decorrentes de pesquisas e problematizações teóricas de experiências educativas e experiências com a arte de modo geral; dossiê temático, que configura um grupo de artigos em torno de determinados temas julgados emergentes e relevantes que expressem contribuições para a área da revista; e resenha, que abarca textos

que apresentam comentários sobre obras no campo da educação, podendo ser de obras recentes ou de clássicos da área, aludindo suas contribuições no âmbito da educação e das artes. Assim, esse mapeamento procurou alcançar os temas, as metodologias e as regiões que mais publicaram na revista, bem como a quantidade de materiais que foram publicados entre os anos de 2008 a 2020.

Nesses 12 anos de existência, a RDLAV lançou na seção 'Dossiê Temático', as seguintes proposições:

- Dossiê (2013 – ano IV, n. 11, setembro): 'Visualidade e Educação: Incômodos', organizado por Erinaldo Alves do Nascimento, da Universidade Federal da Paraíba, Paraíba;

- Dossiê (2014 – v. 7, n. 2, maio/agosto): 'Metodologias Emergentes para a Pesquisa em Educação e Artes', organizado por Cristian Poletti Mossi, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul;

- Dossiê (2015 – v. 8, n. 2, maio/agosto): 'Repensar os Fundamentos da Educação das Artes na Contemporaneidade', organizado por João Paulo Queiroz, da Universidade de Lisboa, Lisboa;

- Dossiê (v. 9, n. 2, maio/ago. 2016): 'Leitura e escrita: povoamento 'entre' linhas', organizado por Vivien Kelling Cardonetti, da Universidade Federal de Santa Maria, Rio Grande do Sul;

- Dossiê (v. 10, n. 1, maio/ago. 2017): 'Educação e Cinema: abordagens de investigação e experiências educativas', organizado por Lutiére Dalla Valle da Universidade Federal de Santa Maria, Rio Grande do Sul;

- Dossiê (v. 11, n. 2, maio/ago. 2018): 'Narrativas afetivas de professores de artes: experiências poéticas e educação docente', organizado por Henrique Lima Assis do Centro de Estudo e Pesquisa Ciranda da Arte, Goiânia, Goiás;

- Dossiê (v. 12, n. 2, maio/ago. 2019): 'Pesquisa (com) arte (na) docência', organizado por Luciana Gruppelli Loponte, da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, e por Daniel Bruno Momoli, da Universidade do Vale do Rio do Peixe, Rio Grande do Sul.

- Dossiê (v. 13, n. 2, maio/ago. 2020): 'Gênero, Sexualidade, Cultura Visual e Educação', organizado por Anderson Ferrari, da Universidade Federal de Juiz de Fora, Minas Gerais;

Na seção 'Demanda Contínua', os temas mais recorrentes são: Ensino de Arte; Educação Artística; Formação de Professores; Cultura Visual; Currículo; Ensino de Artes Visuais; Cinema e Educação; Trajetórias Artísticas; Estágio Curricular; Educação Musical; Museus e Exposições de Arte; Espaços Expositivos; Imagens; Corpo; Experiências Pedagógicas; Estética; Experimentação; Formação Docente; Espaços Urbanos; Aprendizagem; Infâncias; Fotografia; Narrativas; Arte Contemporânea; Educação de Jovens e Adultos e Educação Especial.

[. . .]

ChanacomChana também é bacana!

[...] *Papel transgressor.*

*Afirmação de identidades sexuais ainda marcadamente
mediadas pela marginalidade.*

- Pedagogias culturais - Imprensa Lésbica -
- Relações de poder - Supremacia masculina -
- 'Normalidade' - Identidade binária -

*ChanaComChana serviu enquanto um espaço para construção de novos
saberes e ressignificações acerca das performatividades lésbicas.⁶*

⁶ Chanacomchana bambém é bacana! Imprensa lésbica e suas pedagogias culturais, por Larissa Pinto Martins, Marcio Caetano, Keith Daiani da Silva Braga e Paulo Melgaço da Silva Junior, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/revislav/article/view/43257/pdf>.

Um arquivo/mundo está sempre em movimento de expansão, e é por meio de alianças que são tecidas novas redes e com outros territórios que vão sendo produzidas vizinhanças. Mediante isso, apresento a seguir o mapa com as instituições dos/as autores/as que têm se avizinado da RDLAV, subdividindo-as por regiões nacionais e internacionais (Tabela 1).

Tabela 1 – Abrangência da RDLAV

REGIÃO/PAÍS	INSTITUIÇÃO	N.º DE INSTITUIÇÕES
Bahia – BA	Universidade Federal da Bahia – UFBA	03
	Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB	
	Universidade Estadual de Feira de Santana – UEFS	
Ceará – CE	Universidade Estadual do Ceará – UECE	02
	Universidade Federal do Ceará – UFC	
Distrito Federal – DF	Universidade de Brasília – UnB	01
Espírito Santo – ES	Universidade Federal do Espírito Santo – UFES	01
Goiás – GO	Universidade Federal de Goiás – UFG	04
	Pontifícia Universidade Católica de Goiás – UCG (PUC-Goiás)	
	Centro de Estudo e Pesquisa Ciranda da Arte – SEDUC-Goiás	
	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás – IFG	
Mato Grosso – MT	Universidade Federal de Mato Grosso – UFMT	01
Mato Grosso do Sul – MS	Faculdade Estácio de Sá de Campo Grande – FESCG	02
	Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS	
Minas Gerais – MG	Universidade do Estado de Minas Gerais – UEMG	09
	Fundação Mineira de Educação e Cultura – FUMEC	
	Universidade Federal de Uberlândia – UFU	
	Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG	
	Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PUC-Minas	

	Universidade Federal de São João Del-Rei – UFSJ	
	Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF	
	Universidade Federal de Lavras – UFLA	
	Centro Universitário de Belo Horizonte – Uni-BH	
Pará – PA	Universidade Federal do Pará – UFPA	01
Paraíba – PB	Universidade Federal da Paraíba – UFPB	01
Paraná – PR	Universidade Estadual de Maringá – UEM	05
	Universidade Estadual de Londrina – UEL	
	Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR	
	Universidade Estadual do Paraná – UNESPAR	
	Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná – IFPR	
Pernambuco – PE	Universidade Federal Rural de Pernambuco – UFRPE	03
	Universidade Federal de Pernambuco – UFPE	
	Universidade Federal do Vale do São Francisco – UNIVASF	
Rio de Janeiro – RJ	Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-Rio	06
	Universidade do Estado do Rio de Janeiro – UERJ	
	Universidade Federal Fluminense – UFF	
	Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ	
	Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO	
	Instituto Federal de Educação Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro – IFRJ	
Rio Grande do Sul – RS	Universidade Federal de Santa Maria – UFSM	12
	Universidade Federal do Rio Grande – FURG	
	Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS	
	Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUC-RS	
	Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – UNIJUÍ	
	Universidade do Vale do Taquari – UNIVATES	
	Centro Federal de Educação Tecnológica – CEFET-RS	
	Universidade Feevale	
	Universidade Federal de Pelotas – UFPEL	
	Universidade Federal do Pampa – UNIPAMPA	
Universidade Santo Amaro – UNISA		

	Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia Sul-Rio-Grandense – IFSul	
Roraima – RR	Universidade Federal de Roraima – UFRR	01
Santa Catarina – SC	Universidade Regional de Blumenau – FURB	06
	Universidade da Região de Joinville – UNIVILLE	
	Universidade do Estado de Santa Catarina – UDESC	
	Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC	
	Universidade do Oeste de Santa Catarina – UNOESC	
	Instituto Federal Catarinense – IFC	
São Paulo – SP	Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP-SP	12
	Universidade Estadual Paulista – UNESP	
	Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP	
	Universidade Presbiteriana Mackenzie	
	Universidade de Anhembi Morumbi	
	Instituto Federal de São Paulo – IFSP	
	Universidade Federal de São Paulo – UNIFESP	
	Centro Universitário UniMetrocamp	
	Escola Municipal de Educação Artística – EMIA - SP	
	Fundação Armando Álvares Penteado – FAAP - SP	
	Universidade Federal de São Carlos – UFSCar	
	Universidade de Santo Amaro – UNISA	
Tocantins – TO	Universidade Federal do Tocantins – UFT	01
Argentina	Universidad Nacional de Cuyo – UNCUYO	02
	Instituto de Investigaciones Sociales de América Latina – FLACSO/CONICET	
Chile	Universidad de los Lagos – ULAGOS	02
	Universidad de Chile – UCHILE	
Espanha	Universidad de Barcelona – UB	07
	Universidad Autónoma de Barcelona – UAB	
	Universidad Pública de Navarra – UPNA	
	Universidad Camilo José Cela – UCJC	
	Universidade Europeia del Atlántico – UNEATLANTICO	
	Universidad de Extremadura – UEX	
	Universidad de Málaga – UMA	
Estados Unidos	Northern Illinois University – NIU	01

França	Université Sorbonne Nouvelle – Paris	01
México	Universidad Iberoamericana Ciudad de México – IBERO	03
	Universidad Autónoma Metropolitana – UAM	
	Universidad de Guanajuato – UGTO	
Portugal	Escola Superior de Educação, do Instituto Politécnico de Viana do Castelo – ESEVC	06
	Universidade de Évora – UEVORA	
	Universidade de Lisboa – ULisboa	
	Universidade do Porto – U.Porto	
	Universidade do Algarve – UAlg	
Uruguai	Universidade de Coimbra – UC	02
	Universidad de la República - Instituto Escuela Nacional de Bellas Artes (ENBA) de Montevideo	
	Escuela Municipal de Artes Visuales	

Fonte: Elaboração própria.

A partir dos dados desta tabela/mapa, percebe-se de modo mais evidente o alcance da revista, assim como seus avizinhamentos no que tange às instituições e regiões de autores/as que submetem seus artigos. Também, nota-se o descentramento sul e a aderência à área, por meio das instituições e escolas de arte, nacionais e internacionais, a que pertencem os/as autores/as, já que a revista também publica artigos nos idiomas espanhol e inglês. É importante destacar algumas instituições que se sobressaem às demais, como, por exemplo: nove diferentes instituições no estado de Minas Gerais e doze instituições no estado de São Paulo. Digo isso pois sabemos o quão fácil é para um periódico sucumbir aos regionalismos. Além disso, dois países assumem lugar de relevância, aspecto

evidenciado pela presença de sete instituições na Espanha e seis instituições em Portugal, o que é significativo para um periódico, pois não se trata de alianças comerciais, mas de colocar em circulação produções científicas no intercâmbio entre instituições de diferentes países, alargando a troca de conhecimentos.

Posteriormente ao mapeamento dos assuntos já abordados nos artigos publicados na revista e das instituições a que pertencem seus autores e autoras, atentei para a diversidade de discussões e abordagens teórico-metodológicas. Entretanto, o que produziu desassossego, inicialmente, foram as ausências ou pouquíssimas abordagens no âmbito de gênero e sexualidade e algumas possíveis especificidades que o permeiam.

O que me levou a indagar: não são esses temas também relevantes para serem abordados nas escritas científicas? Por quais motivos eles se mantêm subalternizados às demais temáticas? Corpos que não se encaixam em padrões normalizadores e normatizadores não são legítimos de discussões acadêmicas?

Ao ponderar sobre essas questões, aproximo-me de Rolnik (2018a), que exprime alguns dos efeitos de manter os sujeitos subalternos

[...] a experiência de que sua existência não tem valor, o que lhe gera um intolerável sentimento de humilhação. Isto tem um efeito traumático na esfera micropolítica: a tendência a machucar mais ainda sua pulsão vital já debilitada pelo medo do colapso de si provocado pelo abuso [...] O duplo trauma – o medo do colapso gerado pelo abuso e o terror da humilhação gerado pela desqualificação do lugar que lhe é atribuído na sociedade – coloca a vida num tal grau de ameaça à sua integridade que

as respostas do desejo, das mais ativas à mais reativas, tendem nesse caso a intensificar-se. A resposta reativa é uma estratégia de defesa psíquica que se origina de um enrijecimento dos obstáculos da subjetividade para acessar seu saber-do-vivo, no intuito de proteger-se do efeito tóxico do trauma (ROLNIK, 2018a, p. 127).

A autora evidencia que “Os traumas de classe, de raça e etnia estão entre os mais graves e difíceis de superar, porque não param de se reproduzir do começo ao fim da existência do indivíduo, da sua família e de sua comunidade” (ROLNIK, 2018a, p. 127). Segundo ela, os traumas herdados são os mais graves, pois não param de se atualizar, continuando a reproduzir-se. Percebo aí algumas linhas que me fazem pensar sobre os discursos que desqualificam e inviabilizam os diferentes modos de existência, os quais podem produzir nos sujeitos a sensação ou o efeito traumático de não pertencerem aos espaços, de não terem força para adentrar outros lugares e escreverem sobre suas próprias vidas, sobre seus modos de viver. Essa pode ser uma das causas do baixo número de publicações em relação à temática gênero e sexualidade, pois esses temas não fazem parte dos discursos legitimados, o que torna difícil colocá-los em circulação. Isso expõe a necessidade de promover alianças com os corpos que seguem na luta fortalecidos pelo coletivo, no intuito de desarticular esse cenário tóxico do trauma, traçando estratégias para borrar as fronteiras de gênero e vislumbrando, assim, o alargamento das vidas vivíveis em sua plenitude e abrangência.

[...]

O jorro da diferença

[...] fazer corpo com outros corpos...

[...] conexões e composições, que liberam os possíveis e produzem novas relações com o tempo, as sexualidades, com as culturas [...]

- Imagens-cinema - Sala de aula-
- Resistência - Conversações -
- Gênero - Sexualidade -

[...] A Escola é uma instituição de grande circularidade de vidas; vidas múltiplas que lutam incessantemente para driblar as fronteiras de gênero e se deslocar das normas e dos modelos.

[...] dizer não a tudo que moraliza as relações educativas na Escola e que trazem sofrimento às crianças e aos jovens e, por isso, apequena a vida.⁷

⁷ Imagens-cinema e redes de conversações: linhas de fuga para pensar as questões de gêneros e de sexualidades nos cotidianos escolares, por Sandra Kretli da Silva e Marlucy Alves Paraíso, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/revislav/article/view/44121>.



A fim de confrontar o que havia percebido nesse mapeamento geral, inseri na guia de pesquisa da página da revista alguns termos como meio de fazer um sobrevoo nas questões em foco. Os resultados das buscas podem ser visualizados na Tabela 2, a seguir, e consideram também o período posterior a publicação do dossiê 'Gênero, sexualidade, cultura visual e educação' (2020).

Tabela 2 - Termos investigados na RDLAV

TERMOS	QUANTIDADE
Feminismo	02
Feminilidade	01
Gênero	20
Sexualidade	10
Mulher	05
Arquivo	04
Mulheres	07
Corpo	36

Fonte: Elaboração própria.

Como mencionei anteriormente, de início, fui mobilizada pela baixa inserção ou ausência de artigos publicados no periódico que abordassem gênero e sexualidade, bem como algumas de suas ramificações, como feminismo, feminilidade e mulheres, o que me levou a perguntar: o que esse número relativamente pequeno de estudos sobre os temas anunciados deixa ver?

É possível perceber, na tabela anterior, o aumento significativo de publicações com abordagens e discussões sobre sexualidade e gênero após o lançamento do dossiê 'Gênero, Sexualidade, Cultura Visual e Educação', no segundo número do volume 13 de 2020. Embora os estudos sobre o tema tenham aumentado, é preciso seguir insistindo nessa temática e nos efeitos que suas presenças ou ausências produzem nas investigações em educação e artes, pois estas incidem sobre nossos corpos e sobre nossos modos de agir e existir, ocupando os espaços de pesquisa.

Ao pensar nos efeitos dessas ausências e presenças, é pertinente considerar que esse campo está sempre em ponto de mira, assim como gênero e sexualidade, tanto nos currículos escolares quanto em outros territórios. Em consonância a esse pensamento, Dias e Loponte (2019) afirmam que esses temas acabam sendo subalternizados, deixados em segundo plano, em consequência de outras urgências, de 'outros obstáculos', que "[...] pertencem a uma densa tessitura histórica e política que empurra as questões de gênero para um horizonte distante do campo de atuação docente [...]" (2019, p. 2). Como exemplo, as autoras citam a incerteza da presença da Arte nas escolas, que resulta em tantas outras disputas (epistemológicas, teóricas e políticas) para a consolidação da área como significativa e indispensável.

Ainda que, por tantas vezes, esse cenário se repita, é necessário abrir brechas e traçar outras linhas, insistindo nesses temas para que se façam presentes e evidenciando sua

legitimidade nos diferentes espaços e discussões; “[...] é preciso ter em vista esses desafios não para gerar uma paralisia ou um embotamento, mas para fomentar a criação de ações de enfrentamento” (DIAS; LOPONTE, 2019, p. 4). Foi pensando em ações de enfrentamento que pudessem despontar formas mais livres de pesquisar que conspirei junto de autoras e autores cujos ímpetos são de transgressões compartilhadas, que buscam oxigenações na força do coletivo.

[...]

A mulher que habita a rua

[...] como a mulher se torna invisível ou inexpressiva em alguns espaços, sobretudo no que se refere à ocupação dos espaços públicos e do grafite.

- Público/privado - Invisibilidade-
- Ausência - Ruptura - Resistência -
- Exercício da liberdade -

[...]um movimento político que escuta vozes dos sujeitos invisíveis pela sociedade.

[...] por que não foi uma voz feminina a dizer sobre os processos e educabilidades nesse campo? Por que é importante diferenciar a produção do grafite feminino em relação ao masculino? Será que existe uma desvalorização, ou uma valorização hierarquizada quanto ao processo? [...] é preciso muita luta para se conquistar esses espaços da ciência, da teoria e do saber.⁸

⁸ Quando se marca, não há volta?, por Bruna Tostes de Oliveira e Anderson Ferrari, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/revislav/article/view/31718/pdf>.

A seguir, aponto as publicações que encontrei ao inserir os descritores 'gênero' e 'sexualidade' na guia de pesquisa da plataforma digital da RDLAV. A busca resultou em vinte e dois artigos:

- 'Gênero, docência e cadernos de receita na caçarola da cultura visual', de autoria de Juzelia Moraes Silveira (ano V, n. 8, mar. 2012);

- 'Incômodos nas salas de aula: cenas para pensar discursos de heterossexualidade', de autoria de Luciana Borre Nunes (ano VI, n. 11, setembro 2013);

- "'Não me lembro, não me recordo..." Experiências com cultura visual antes da Graduação em Pedagogia', de autoria de Nathalye Nallon Machado e Anderson Ferrari (v. 10, n. 1, jan./abr. 2017);

- 'Imagens da Disney (re)produzindo gênero: Revisão da produção acadêmica (2003-2015)', de autoria de João Paulo Baliscei, Geiva Carolina Calsa e Fernando Herraiz García (v. 10, n. 3, set./dez. 2017);

- 'Quando se marca, não há volta?', de autoria de Bruna Tostes de Oliveira e Anderson Ferrari (v. 11, n. 3, set./dez. 2018);

- 'Dilatação corporal, performance art e a docência: um percurso de criação visual', de autoria de Leomar Peruzzo e Carla Carvalho e Pedro Gottardi (v. 11, n. 3, set./dez. 2018);

- 'A fotografia performática de Claude Cahun', de autoria de Ana Paula Sabiá (v. 12, n. 1, jan./abr. 2019);
- 'Poéticas dissidentes na arte urgente: um princípio indisciplinar na sociedade contrassexual', de autoria de Cleberson Diego Gonçalves, Roberta Stubs e Eliane Maio (v. 12, n. 3, set./dez. 2019);
- '#VAMOVIRARUM2020SEMPRECONCEITO? – imagem-currículo e cultura visual', de autoria de Anderson Ferrari (v. 13, n. 2, mai./ago. 2020);
- 'SUPERBICHA EM – aventuras de uma viada em um colã', de autoria de Steferson Zanoni Roseiro, Nahun Thiaghor Lippaus Pires Gonçalves e Alexandro Rodrigues (v. 13, n. 2, maio/ago. 2020);
- 'Chanacomchana também é bacana! Imprensa lésbica e suas pedagogias culturais', de autoria de Larissa Pinto Martins, Marcio Caetano, Keith Daiani da Silva Braga e Paulo Melgaço da Silva Junior (v. 13, n. 2, maio/ago. 2020);
- '(cu)nhantã tem, (cu)rumim também: políticas de subjetivação em imagens de Abel Azcona', de autoria de Djalma Thürler, Duda Woyda e Olinson Valois (v. 13, n. 2, maio/ago. 2020);
- "'A vida invisível": por entre cartas, corpos de mulheres e processos de subjetivação', de autoria de Rosimeri de Oliveira Dias e Denize Sepulveda (v. 13, n. 2, maio/ago. 2020);

- 'Imagens-cinema e redes de conversações: linhas de fuga para pensar as questões de gêneros e de sexualidades nos cotidianos escolares', de autoria de Sandra Kretli da Silva (v. 13, n. 2, maio/ago. 2020);
- "'Ser bicha é ser livre": um documentário anunciando modos de existir nas fronteiras dos gêneros', de autoria de Roney Polato de Castro (v. 13, n. 2, maio/ago. 2020);
- 'Representação e auto-apresentação das mulheres artistas: reflexões para o ensino das artes visuais', de autoria de Ana Gabriela Portelinha Hainosz e Roberta Stubs Parpinelli (v. 13, n. 2, maio/ago. 2020);
- 'As pedagogias visuais sobre ser cego e gay no curta-metragem "Eu não quero voltar sozinho"', de autoria de Marcos Lopes de Souza (v. 13, n. 2, maio/ago. 2020);
- 'Imagens do corpo: superfícies reversíveis e marcas de resistências no brinquedo de miriti', de autoria de Joyce Otânia Seixas Ribeiro e Vilma Nonato de Brício (v. 13, n. 2, maio/ago. 2020);
- 'Quem nasce em Bacurau é gente? Gênero e precariedade de vida no filme "Bacurau"', de autoria de Felipe Bastos e Eduardo Gonçalves (v. 13, n. 2, maio/ago. 2020);
- 'Relatos de uma pesquisa com jovens estudantes de Juiz de Fora: audiovisual e gênero', de autoria de Carla Silva Machado e Rosália Maria Duarte (v. 13, n. 2, maio/ago. 2020);

- 'Flores Raras: lesbianidades e as espacialidades de armários e heterotopias', de autoria de Alessandro Garcia Paulino, Cláudia Maria Ribeiro e Nilson Fernandes Dinis (v. 13, n. 2, maio/ago. 2020);

- 'Encontros com o cinema de animação e com crianças na produção de filmes sobre direitos humanos', de autoria de Constantina Xavier Filha (v. 13, n. 2, maio/ago. 2020);

Esses escritos encontrados na RDLAV me incitaram a realizar conversações entre sexualidade e gênero, mobilizando-me a pensar a pesquisa enquanto um arquivo aberto, permeado por mergulhos, saídas e entradas, que levam a distintas vias e fazem traçar tantas outras para fora destas linhas, bem como a possibilidade de retornar a elas.

Tendo em vista este cenário que, para muitos/as, quem sabe pode parecer pouco profícuo, sigo insistindo no que me move a pesquisar, ou seja, persisto nos efeitos desses encontros que produzem em minha garganta nó. Guiada por uma 'bússola ética', perspetivo a surgência de uma micropolítica ativa nesses encontros com as ausências e com as interdições de determinados discursos, enunciados e povos por vir, vislumbrando a germinação de algo que me é muito real, um devir, que pode ser sentido no corpo e que precipita a criação de novos territórios e novas subjetividades.

O conceito de devir de Deleuze e Guattari (2012b) ajuda-me a pensar processos de subjetivação, já que o devir é sempre um ponto de partida guiado por uma bússola ética, que funciona “[...] sempre a dois, que aquilo que se devém devesse tanto quanto aquele que devém, é isso que faz um bloco, essencialmente móvel, jamais em equilíbrio” (DELEUZE; GUATTARI, 2012b, p. 112).

Em uma micropolítica ativa, as atuações do desejo constituem-se “em atos de criação” assentados em “territórios existenciais estabelecidos” (ROLNIK, 2018a, p. 61) e causam ruptura naquilo que está instituído. Ao pensar e atuar por essa via, procura-se recobrar sua potência de vida, guia-se por uma bússola ética, a qual mira “[...] para as demandas de uma vida em sua insistência em persistir” (ROLNIK, 2018a, p. 65), naquilo que a vida reivindica para conservar-se fértil, prolífera, em todos os momentos em que seus fluxos são interditados.

Já a micropolítica reativa é guiada por uma bússola moral, que deteriora a “potência coletiva de criação” (ROLNIK, 2018a, p. 76) e que é premissa para a constituição do comum. Ela também impossibilita o pulular de devires, onde a criação se converte em estéril.

Para traçar algumas linhas no que tange às possíveis insurgências de ordem micropolítica anunciadas, faz-se pertinente tratar das concepções de micropolítica e do comum⁹, e, para isso, seguirei na companhia de Guattari e Rolnik (2010) e de Rolnik (2018a).

Segundo Rolnik (2018a), as insurgências micropolíticas se dão pela constituição do comum e também estão relacionadas aos modos de cooperação pelos quais os agentes se aliam mediante ressonância. Essa ressonância acontece em meio à frequência de afetos (emoções vitais), relacionando-se às tessituras de “[...] múltiplas redes de conexões entre subjetividades e grupos que estejam vivendo situações distintas, com experiências e linguagens singulares” (p. 141), em que o elo que os une são ‘embriões de mundo’ que residem nos corpos que participam dessas redes, de modo a impor-lhes urgência de criação de meios, nos quais esses mundos consigam se materializar, perfazendo seu processo de germinação. Tal processo é possível apenas em um “[...] campo relacional e desde que nele prevaleçam desejos que buscam guiar-se por uma bússola ética, o que faz com que o resultado de suas ações seja necessariamente singular” (ROLNIK, 2018a, p. 141).

⁹ O comum, tratado aqui, refere-se ao conceito introduzido por Antonio Negri e Michael Hardt, autores com os quais Rolnik (2018) conversa para pensá-lo ‘enquanto campo imanente da pulsão vital’ de uma comunidade que adota tal pulsão para si, direcionando-a à invenção de outras formas de existência, que podem derivar em modificações nos modos de vida. Contudo, a reapropriação da pulsão vital depende de uma vontade de agir que deve ser coletiva e que intente a constituição do comum, que não está determinado *a priori*.

Mas por que pensar politicamente neste espaço micro, ao propor reverberações na pesquisa entre os conceitos de gênero e sexualidade e o espaço acadêmico?

Essas relações tramadas possibilitam trazer para a discussão esses temas que, ainda, são subalternizados, deixados no limbo, pois o regime dominante continua a promover a manutenção de discursos e verdades sobre a família, a sexualidade, o corpo, os afetos, o cuidado e o íntimo na tentativa de mantê-los enclausurados apenas na esfera da vida privada.



[...]
O corpo como
lugar da sensibilidade

[...] um corpo que fala, desnuda-se e evidencia seu existir potente e político.

- Dilatação corporal - Percepção -
- Dimensões de si - Ser e estar -

[...] pensar as potencialidades de um corpo que pode dilatar-se para ressoar, criar, imaginar, por meio de diferentes caminhos percorridos em processos criativos de diversas linguagens de arte¹⁰.

¹⁰ Dilatação corporal, performance art e a docência: um percurso de criação visual, por Leomar Peruzzo, Carla Carvalho e Pedro Gottard, 2018. Disponível em: https://periodicos.ufsm.br/revislav/article/view/32841/pdf_1.

Rolnik (2018a, p. 36) afirma que é necessário agir micropoliticamente para que se efetue uma “reapropriação da força de criação e cooperação”, pois não é suficiente resistir macropoliticamente ao regime atual:

É preciso resistir no próprio campo da política de produção da subjetividade e do desejo dominante no regime em sua versão contemporânea – isto é, dominante em nós mesmos –, o que não cai do céu, nem se encontra pronto em alguma terra prometida. Ao contrário, esse território que tem que ser incansavelmente conquistado e construído em cada existência humana que compõe uma sociedade, o que intrinsecamente inclui seu universo relacional. De tais conexões originam-se comunidades temporárias que pretendem agir nessa direção construindo o comum. Entretanto, tais comunidades ocupam o corpo da sociedade como um todo, pois ele se faz no inexorável embate entre diferentes tipos de forças (ROLNIK, 2018a, p. 36).

Sendo assim, compreendo a RDLAV como um arquivo/mundo, germinado na aliança entre os sujeitos – pelos ‘embriões de mundos’ – que se aproximaram guiados pelo desejo, pela urgência na criação desse arquivo/mundo e pela circulação de outros discursos que mobilizaram a construção do comum.

Para tratar da esfera do combate micropolítico, Rolnik em entrevista a Nascimento (2018b), conta que recorreu aos Guarani, os quais utilizam os termos *ñe'e* e *raity* – expressão

que se refere à garganta e que quer dizer 'ninho das palavras-alma' – por compreenderem que somos afetados/as por forças diversas advindas do ecossistema e suas variações constantes, junto de outras vidas humanas e

seus respectivos mundos. Assim, para eles,

embriões de palavras insurgem da



'fecundação do ar do tempo' nos

corpos e é somente no ar do tempo

que as palavras possuem alma.

Os Guarani têm a compreensão de que

os embriões de mundo, sendo eles

portadores de futuros, constituem o

indicativo de que a vida está nos

exigindo a criação de outros modos

de existência, de maneira que ela

consiga retornar a respirar toda

vez que sufocar em seus modos de

linguagens correntes.



[...]

Quem nasce em Bacurau é gente?

[...] diferenças de reconhecimento.

Sobrevivências...

- Performatividade de gênero -
- Precariedade de vida -
- Queer - Moldes - Supremacia masculina -
- 'Normalidade' - Identidade binária -

[...] A heteronormatividade diz respeito aos dispositivos engendrados em sociedade que elevam o heterossexismo ao grau de realidade, agindo, assim, como sistema de controle e regulação social.

[...] jogo performático que volta a desequilibrar os modelos tradicionais de heterossexualidade esperados.¹¹

¹¹ "Quem nasce em Bacurau é gente?" Gênero e precariedade de vida no filme Bacurau, por Felipe Bastos e Eduardo Gonçalves, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/revislav/article/view/44052>.

Quando os modos de existência são tensionados pelos embriões de mundo e as palavras que lhes pertencem perdem o sentido, nos desestabilizamos, apanhados por um nó na garganta, um estranhamento, que, de acordo com Rolnik (2018a), é o que intima o desejo de agir, para assim reestabelecer o equilíbrio vital, que nos seres humanos é inerentemente existencial e emocional. Assim, o que sufoca e aflora reativa a pulsão vital, fazendo com que o desejo de ação seja convocado e resultando em um devir de nós mesmos e de nosso campo de relações, com potência e força de propagação por todo o tecido social.

Para efetivar a criação de um arquivo/mundo em um periódico, seus agentes enfrentam muitos desafios, desde sua criação à sua permanência/continuação no campo, pois dependem das alianças que fazem e das ações concretas dos envolvidos, bem como de vínculos com as instituições que promovem o custeio e a divulgação do periódico, possibilitando, dessa forma, ampliar sua aderência e atestar a qualidade das produções e a validade dos discursos. Desse modo, por tamanhas exigências, se seus agentes deixam de agir movidos por essa força vital, o arquivo/mundo deixa de se atualizar ou até mesmo de existir. Sendo assim, esse movimento (de descolonização) depende do 'trabalho sutil e ao mesmo tempo complexo de cada um/a' (ROLNIK, 2018a), de modo que propor e articular um espaço de discussão e de criação coletiva que acolhe os temas 'marginais' é dar um passo no sentido de dissolver o "[...] regime dominante em nós e fora de nós" (p. 144-145).

[...]
Afirmar a vida em sua
diversidade infinita

Falamos de uma vida inteira de urgências, de corpos abjetos, cuirs e de uma sociedade contrassexual que não é legitimada, que não tem voz e que, quando não se tem algo que lhes é de direito, inicia uma luta para a conquista, uma revolução. Essa pulsão inicial revolucionária nasce nas dissidências por meio de um desejo molecular, micro, insignificante para a norma, mas que se torna potente quando afeta pessoas e dão passagem às diferenças.

- Poéticas dissidentes - Normas - Contrassexual -
-Corpos múltiplos - Resistência -

[...] atravessam a fronteira da própria arte, a profanam, produzem meio de questionar outras produções, se deslocam, voltam, desterritorializam, produzem em nós novos possíveis e novas potências¹².

¹² Poéticas dissidentes na arte urgente: um princípio indisciplinar na sociedade contrassexual, por Cleberson Diego Gonçalves, Roberta Stubs e Eliane Maio, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/revislav/article/view/37894/pdf>.

Outros arquivos/mundos

Com o intuito de embasar e tensionar os temas de interesse desta investigação, realizei também um mapeamento em outros arquivos/mundos focando gênero e sexualidade: a Revista Digital Art& e a Revista Gearte. A primeira revista brasileira a tratar do campo da Educação e Artes foi a Revista Digital Art&, criada no ano de 2003. Trata-se de um periódico que é independente, ou seja, não ligado a nenhuma instituição de ensino superior, e que é livre, aberto e gratuito. Já a Revista Gearte, editada pelo Grupo de Pesquisa em Educação e Arte (Gearte), que possui vínculo com o Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), teve início em 2014, constituindo o terceiro periódico criado no que se refere ao campo mencionado anteriormente.

Sendo assim, realizou-se uma busca pelos termos 'feminismo', 'feminista', 'feminilidade', 'gênero', 'sexualidade', 'mulher' e 'arquivo' nos sites das duas revistas, abrangendo os períodos de 2003 a 2016 na revista Digital Art& (sua última publicação ocorreu no ano de 2016) e de 2014 até março de 2019 na Revista Gearte. É importante mencionar, ainda, que, após esse período, a Revista Gearte publicou o volume 6, número 2 (2019), o qual teve como tema os estudos apontados nas mesas e conferências do Congresso Ensino/Aprendizagem das Artes na América Latina: colonialismo e questões de gênero, que aconteceu em São Paulo, no Serviço Social do Comércio (Sesc) Vila Mariana, e foi idealizado

por Ana Mae Barbosa, reunindo pesquisadoras e pesquisadores da América Latina preocupadas/os com a temática.

A seguir, apresento os materiais encontrados durante o mapeamento das publicações realizadas no período selecionado para estudo:

- 'Ensaio visual: professoras/es quando incompletos', publicado no ano de 2016, na Revista Gearte, e produzido por Luciana Borre Nunes e Xadai Rudá, ambas da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), destaca-se tanto por ser um ensaio visual e por utilizar a linguagem de inclusão de gênero quanto por se tratar de uma produção sob a perspectiva pós-estruturalista. Apresenta como palavras-chave: Educação da Cultura Visual e formação docente. Esse ensaio visual constitui um recorte da pesquisa intitulada 'Tramas na formação de professores/as em Artes Visuais para questões de gênero e sexualidade', desenvolvida no ano de 2015 com a participação de estudantes do Curso de Licenciatura em Artes Visuais da UFPE. Em consonância com a Educação da Cultura Visual, problematiza a formação docente, de modo a pensar como determinadas visões de realidade são produzidas sobre ser professor/a. Assim, seu intuito é questionar as diversas imagens que fixam o imaginário do fazer docente como detentor do conhecimento entre professores/as e estudantes em uma relação unilateral, de forma a explorar e desestabilizar pensamentos consolidados que perduram no tempo por meio de regimes de verdade, perpetuando verdades;

- 'Corpo que paira, corpo que flui: corporeidades múltiplas na arte-vivência', publicado no ano de 2017, na Revista Gearte, e produzido por Rosália Menezes e Jo A-mi, ambas da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB). Apresentou como palavras-chave: corpo, Corporeidade e arte-vivência. O artigo propõe discussões críticas acerca das relações entre o corpo, entendido enquanto corporeidade, e seus agenciamentos, alinhando experimentações artísticas e um viés estratégico de territorialidade crítica como 'linha de fuga' de acordo com Deleuze e Parnet (1998). As autoras procuram reconstruir percepções, conceitos e ações sobre o corpo *cena-em-si* e experiências artístico-pedagógicas, constituídas por corporeidades em travessia, apresentando em uma de suas experiências artísticas – 'Superando Muros' – as discussões e problematizações epistemológicas sobre o feminismo na contemporaneidade;

- 'Violeta Parra: deslocamentos femininos na arte popular', artigo publicado na Revista Digital Art&, no ano de 2014, por Letícia Cristina Saraiva, do Programa de Pós-Graduação em Artes da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Apresenta como palavras-chave: mulheres na arte, lugares da arte e desconstrução feminina. No artigo, a autora pondera que mobilizar o pensamento sobre o feminino nas artes visuais deve ser mais amplo do que pensar as mulheres inseridas apenas nas coleções de museus. Trata-se de conceber a presença feminina em diversos âmbitos das artes, incluindo pensar a importância do papel feminino na estética latino-americana e na estética popular, tendo como referência de uma feminilidade em desconstrução a artista chilena Violeta Parra. Desse modo, a autora traz a

arte como lugar de imersão ligada intimamente à vida e ao viver, compreendendo os movimentos da vida também como matéria para a produção estética e as mulheres artistas não como associadas aos temas somente da arte, mas também da política.

Tendo em vista os movimentos realizados nesses periódicos da área, percebi, inicialmente, uma baixa inserção e por vezes uma ausência de produções até o ano de 2019 que abordassem as questões de gênero e sexualidade. Contudo, posteriormente, isso foi se modificando com a publicação de dossiês temáticos atravessados pelas relações de sexualidade e gênero, tanto na RDLAV quanto na Revista Gearte, favorecendo, assim, o aumento de referenciais e proposições acerca da temática em questão no campo da educação e das artes.

ENTRE CONCEITOS E MOVIMENTOS



Série I, fotografia, Rafael Durante, 2015.

ARQUIVO, ENUNCIADO E DISCURSO

Na busca de possíveis alternativas para o desenvolvimento desta pesquisa, que tem como materialidade a Revista do LAV (RDLAV), a qual põe em circulação diversos materiais científicos produzidos por pesquisadores/as, docentes e discentes, penso a revista como arquivo/mundo escrito por muitas mãos e distanciado da ideia de um repositório fixo, fechado. Perspectivo-a, portanto, enquanto um arquivo aberto e, como me referi anteriormente, dissipador. Desse modo, fez-se necessário explorar os conceitos de enunciado, discurso e arquivo.

Nas leituras sobre o tema, encontrei diversos autores e autoras que trabalharam com o conceito de arquivo em seus escritos; entre eles/as, aproximei-me das concepções desenvolvidas por Foucault. Segundo Foucault (1997, p. 149), o arquivo é, inicialmente, “[...] a lei do que pode ser dito, o sistema que rege o aparecimento dos enunciados como acontecimentos singulares”. Aliado a isso, o autor anuncia uma série de questões acerca da concepção de enunciado: “Se o enunciado é a unidade elementar do discurso, em que consiste? Quais são os seus traços distintivos? Que limites devemos nele reconhecer?” (FOUCAULT, 1997, p. 91). A partir dessas problematizações, Foucault afirma que não é plausível determinar um enunciado pelas propriedades gramaticais da frase, do ato da

linguagem ou da proposição, já que o enunciado não se ampara nos mesmos critérios – de ordem gramatical –, mas refere-se a uma função

[...] que se exerce verticalmente, em relação às diversas unidades, e que permite dizer, a propósito de uma série de signos, se elas estão presentes aí ou não. [...] É uma função de existência que pertence, exclusivamente, aos signos, a partir da qual se pode decidir, em seguida, pela análise ou pela intuição, se eles 'fazem sentido' ou não, segundo que regra se sucedem ou se justapõem, de que são signos, e que espécie de ato se encontra realizado em sua formulação oral ou escrita (FOUCAULT, 1997, p. 98-99).

Refere-se, assim, a uma função que entrecruza uma esfera de estruturas e de enunciados possíveis e que leva ao seu aparecimento em conteúdos concretos no espaço e no tempo, pertencente também a uma formação discursiva, do mesmo modo que uma proposição concerne a um conjunto dedutivo e uma frase concerne a um texto. Dessa maneira, de acordo com Foucault (1997, p. 135), a formação discursiva configura-se “[...] por uma dispersão”, pois ela é, para os enunciados, um preceito de coexistência; os enunciados são, portanto, conjuntos determinados por seu modo de existência.

Não se pode reduzir os discursos apenas a um conjunto de signos, falas, escritos e imagens que aludem a conteúdos e a significantes passíveis de análise; é preciso tomá-los como práticas que produzem “[...] os objetos de que falam” (FOUCAULT, 2008, p. 55). Ainda sobre a noção de enunciado, Fischer (2002) escreve:

Poderíamos dizer que os enunciados de um discurso seriam uma espécie de lugar de chegada de um trabalho minucioso do pesquisador, uma vez que este buscará

descrever os diversos modos pelos quais é tecido, discursivamente, o social. Estamos falando aqui do social como constituído e ao mesmo tempo como constitutivo da linguagem, e do discurso como imerso por definição em relações de poder [...] descrever enunciados de um discurso é apreender esse mesmo discurso como acontecimento, como pertencente a uma certa formação discursiva (FISCHER, 2002, p. 84).

Nessa concepção, por discurso entende-se um conjunto de enunciados organizados/tramados por uma formação discursiva em um espaço e momento específicos. Assim, pode-se dizer que não existem verdades escondidas nos discursos, já que, se compreendermos os discursos como constituidores de verdades provisórias, emerge a possibilidade de desconstruí-los.

Foucault, em 'A ordem do discurso', explica que há três sistemas de exclusão ou interdição que atingem o discurso: “[...] a palavra proibida, a segregação da loucura e a vontade de verdade” (FOUCAULT, 2000, p. 19). Todos pertencem à parcela do discurso que coloca em jogo o desejo e o poder.

O primeiro deles, a palavra proibida, diz respeito à interdição da palavra, que determina o que pode ser dito em cada situação ou conjuntura e quem pode fazê-lo, já que não é qualquer um nem sobre qualquer coisa que se pode falar. Como exemplo, citam-se os territórios da sexualidade e da política.

O segundo, a segregação da loucura, refere-se ao discurso rejeitado do louco, que, segundo o autor, “[...] não pode circular como o dos outros” (FOUCAULT, 2000, p. 10). Tal discurso pode ser considerado como nulo e desprovido de verdade e importância ou, em oposição, como detentor de poderes adventícios, de pronunciamento do futuro, de uma verdade ocultada.

E o terceiro sistema de interdição, concernente à vontade de verdade, ampara-se em uma base institucional, que é concomitantemente reconduzida e reforçada por um conjunto denso de “[...] práticas como a pedagogia [...] como o sistema dos livros, da edição, como as sociedades dos sábios de outrora, os laboratórios de hoje” (FOUCAULT, 2000, p. 17). A vontade de verdade, apoiada no sistema de instituições, inclina-se a exercer pressão e um poder de coerção sobre os outros discursos.

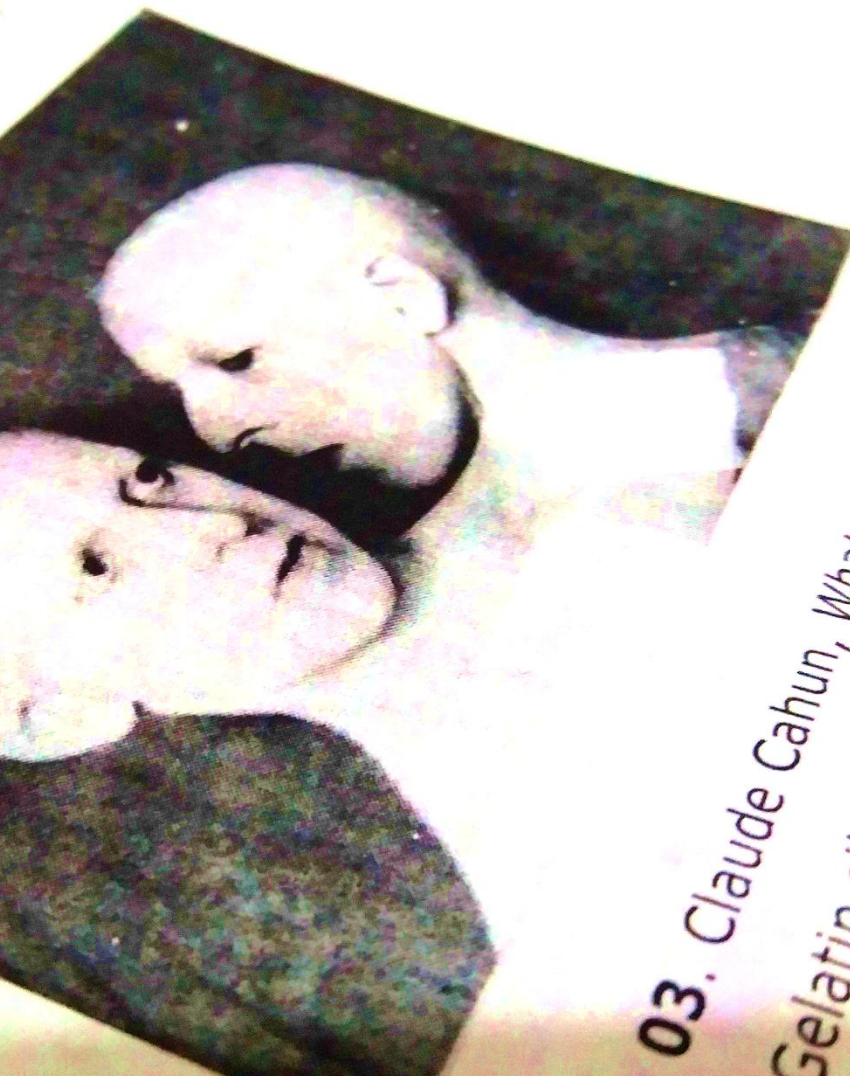
Diante disso, é possível perceber as reverberações dos discursos autoritários no âmbito da sexualidade e do gênero, por meio de instituições – a medicina, a psiquiatria e a lei – que condicionam a vida, uma vez que buscam servir de balizas para legitimar um modelo identitário que reforça em si mesmo as normas dominantes do modelo: homem, branco, cristão e heterossexual.

[...]
Indefinível criatura

[...] nem masculina nem feminina, fantasmagórica mas
resoluta, convidativa e hermética.

- Papéis identitários - Subversão -
- Quebra de padrões - Fluidez -
- Queer - Afirmação de si -

As construções sociais que tentam controlar limites
entre os gêneros, os modos de viver a sexualidade e os
desejos continuam infelizes apesar da evidente
mudança dos tempos.¹³



¹³ A fotografia performática de Claude Cahun, por Ana Paula Sabiá, 2019. Disponível em:
<https://periodicos.ufsm.br/revislav/article/view/32200/pdf>.

Quando o sistema dessas normas é rompido por corpos que, em sua apresentação corporal, distanciam-se do que o discurso regulatório pretende que reproduzam, abrem-se “[...] caminhos para formas de viver o gênero que desafiam as normas de reconhecimento predominantes” (BUTLER, 2018, p. 39). Ainda de acordo com a autora, essas normas que determinam os gêneros que podem aparecer e também os que não podem são passíveis de falhas nesse controle do aparecimento, “[...] agindo mais como uma polícia ausente ou falível do que como poderes totalitários efetivos” (BUTLER, 2018, p. 46).

Dito isso, entende-se o arquivo enquanto conjunto de discursos que continua a funcionar, modificando-se ao longo da história, e que possibilita a produção de outros discursos, bem como de outros enunciados e do que pode determinar seu desaparecimento, dependendo das relações estabelecidas entre eles em um momento específico e de acordo com seus agenciamentos com a atualidade.

Silva Miguel (2018), em sua tese ‘Professores e Ensino Médio na Revista Educação/UFSM: um arquivo sobre a produção de sujeitos na governamentalidade neoliberal’, vinculada ao PPGE da UFSM, propôs produzir um arquivo e colocá-lo em operação. Para tal, analisou uma série de artigos da Revista Educação, vinculada ao Centro de Educação (CE) da UFSM, e também documentos oficiais brasileiros acerca da educação. Assim, a partir da arqueologia pensada por Michel Foucault, pesquisou “[...] as condições de possibilidade histórica das narrativas” (SILVA MIGUEL, 2018, p. 7) a respeito de professores/as do ensino médio brasileiro,

de seu trabalho e de como essas narrativas geraram discursos acerca desses sujeitos e seus contextos profissionais em circulação.

O autor, ao operar com o arquivo, articulando-o à governamentalidade neoliberal, buscou mostrar as relações de poder que transpassaram esses docentes e suas práticas, contribuindo em seus processos de subjetivação, e problematizar o estabelecimento de regimes de verdades sobre esses sujeitos e suas práticas. Para tanto, acolheu artigos da Revista Educação publicados entre 1975 e o primeiro semestre de 2018, bem como um conjunto de diretrizes e leis condizentes ao ensino médio.

Inicialmente, Silva Miguel (2018, p. 7) construiu um arquivo compreendendo “[...] que a revista colocou em circulação uma série de discursos que determinaram as condições de produção da função docente no ensino médio”. Posteriormente, colocou o arquivo em operação, de modo a produzir uma emersão genealógica que apontasse as relações de poder que sucederam e produziram as subjetividades docentes contemporâneas. Almejou que as problematizações propostas pudessem funcionar como ferramenta na tarefa de pensar o professor na contemporaneidade, podendo produzir modos alternativos de constituir-se enquanto docente.

Solis (2014) também se dedicou a discutir em seus escritos a noção de arquivo, tendo como subsídio as concepções de Jacques Derrida. Tanto Foucault quanto Derrida pensaram a noção de arquivo como abertura, como um porvir, que vai se modificando por meio da

vida, colocando em questão a noção tradicional de arquivo como repositório de dados, textos e documentos.

A autora infere que Derrida aponta uma outra forma de considerar o arquivo. Trata-o como uma “[...] tela desconstrucionista”, em que “[...] a dimensão arquivística não é mais compreendida como repositório fechado, como fichário inerte, mas, ao contrário, como abertura, como movimento e por vir” (SOLIS, 2014, p. 375).

Tem-se, portanto, duas maneiras bastante distintas de compreender arquivo. Uma refere-se ao arquivo como depósito de dados, repositório fechado, que fornece provas materializadas “[...] daquilo que, pelas evidências, não deixa mentir” (SOLIS, 2014, p. 374). Outra compreende o arquivo como tela, que constitui um suporte onde os dados se entrelaçam e os documentos são articulados e arranjados. Nessa segunda concepção, a tela é percebida como movimento, abertura, texto por vir e memória que não é rememoração, mas organismo vivo que se distancia da ideia clássica e histórica de arquivo.

Um arquivo é um cemitério povoado de vidas e memórias. É o lugar do morto-vivo, da *Gradiva rediviva*. No olhar sobre o acervo, o corpo acaba por virar esqueleto, o espírito (*Geist*) virará espectro (*Gespenst*). Assim, todo arquivo é marcado pelo mal de arquivo, pelo apagamento e esquecimento. A pulsão de morte é arquiviolítica, segundo Derrida, porque apaga os traços inscritos e possibilita novas inscrições no arquivo. Possibilita um universo de rastros, portanto. Finalmente: a questão do arquivo não é só uma questão de registro do passado; trata-se de uma interpelação fantasmática e espectral de Freud, de uma promessa, de um por vir. Saber o que é o arquivo significa dizê-lo num

tempo *por vir* e não haveria porvir sem repetição, sem o fantasma e a pulsão de morte (SOLIS, 2014, p. 385, grifo da autora).

Desse modo, esta pesquisa teve o intuito de arranjar as tramas discursivas que atravessaram educação, arte, gênero e sexualidade, pensadas junto à noção de arquivo apresentada por Foucault e redimensionada por Solis (2014) a partir dos estudos de Derrida. Tais noções podem ser compostas e articuladas, procurando experienciar uma pesquisa em educação e artes entre os fios das possíveis tessituras/germinações deste arquivo/mundo que considero a RDLAV.

Propus pensar um arquivo que acontecesse de modo despreocupado com as tarefas dos arcontes que detêm o poder da interpretação. Assim, a pretensão de forjar outras possibilidades de operação com esse arquivo acontece pelos desencaixes temporais e discursivos, arquitetado pelas composições entre imagens, escritas e experiências postas em conversação.

A noção clássica e tradicional de arquivo, segundo Derrida (2001), está marcada pela *impressão freudiana*, que diz respeito a uma marca grafada, enquanto assinatura/escritura, que Freud produziu ao abordar as questões do arquivo e ao imprimir nele mesmo, a partir de sua circuncisão no nascimento, uma marca, a qual ficou impressa na instituição e na história da psicanálise e em seus escritos, que circunscreve o público e o privado. Derrida (2001) põe em dúvida esse arquivo clássico, que está reduzido à memória, ao arcaico (*arkhé*), ao

regresso à origem, à lembrança e à escavação do arqueológico, assim como ao movimento de debruçar-se sobre algo, pois o que o autor pretende é deslocar a hierarquia binária do pensamento e do processo de arquivar fechado que esse arquivo exige, por meio da desconstrução do que denomina 'a tela desconstrucionista'. Também assim intuo a efetuação desta pesquisa – por sobrevoos –, deixando-me afetar pelas palavras e pelos discursos.

Sendo assim, busquei forjar um arquivo que não fosse uma massa inerte, mas um arquivo em que a diastrofia e os rearranjos fossem possíveis. Procurei criar por intermédio das forças ativas que pude mobilizar ou, melhor dizendo, pelas quais fui mobilizada, naqueles lugares mais úmidos e obscuros, nos porões e armários, onde os bronquíolos pedem e imploram passagem de ar, onde há sufoco, onde se esgueira o desejo de vida plena e vivível em todas as suas singularidades e diferenças, onde há tentativas de interdição e encarceramento de outros modos de existência que não os mapeados, [im]postos e dispostos em documentos condicionantes.

Avizinhei-me de Francieli Garlet (2018), que, em sua tese, vinculada ao PPGE da UFSM e intitulada 'Entre o visível e o enunciável em educação: o que pode uma docência que cava a si mesma?', ocupou-se em pensar uma docência que produz a si mesma, indagando sobre um arquivismo que acolhesse suas próprias falhas e que levasse em conta sua precariedade. Nesse sentido, Garlet impulsionou movimentos de esburacamento na

docência e também acolheu “[...] a precariedade do arquivo docência” (GARLET, 2018, p. 69), enquanto maneira operativa de

[...] pensar a docência a partir do que faz tremer seus dados, do que a esburaca. Uma tese que se quis também esburacada, por perguntas, pelo tensionamento entre imagens e palavras – o dito e o visto – que não se complementam e apaziguam, que intentam manter a potência de suas disjunções (GARLET, 2018, p. 69).

Ao estudar os conceitos de diagrama, arquivo e fora, a autora atentou para as disjunções que podem ser produzidas entre o ver e o dizer, pensando os modos como esses conceitos se entrelaçam e produzem “[...] a cada vez outras formas de ver e dizer, e assim, vão compondo também outras possibilidades de vida e de docência” (GARLET, 2018, p. 62).

Aliei-me, ainda, a Resende e Miguel (2015) ao comporem o arquivo-Deligny, um arquivo coletivo e vivo, em processo, que não cessa de se produzir e não se aloca em um ponto final, que desvia da rubrica de quem escreve, para então deslocar o ‘sujeito-autor’. Esse processo impele uma escrita que transborda daquilo que comporta, que “[...] faz de seu próprio método um lugar de luta, afirma uma iniciativa coletiva, uma resistência política” (RESENDE; MIGUEL, 2015, p. 146).

Desse modo, busquei tramar fios de/entre imagens, palavras, telas de pintura, gravuras em metal e gritos de silêncio, para compor e cruzar noções, vidas e modos de agir, de ser e

viver, pensando uma operação que fizesse esquivar da normatização e normalização daquilo que um arquivo tradicional/clássico origina e traduz.

Um arquivo atravessado por lapsos de vida, assim como por vozes coletivas, é um mapa de um arquivo/mundo que não para de se atualizar, não com a intenção de classificar, guardar e proteger, mas de fabricar/criar, fazer surgir outros enunciados e proposições. Trata-se de fazer ver e criar outros mundos e modos de existência, trazendo para a cena aquilo que é interdito, rasurado e apagado do grande sistema arquivístico clássico/tradicional, pois, quando o espaço de fora limita, mostra-se necessário abrir brechas desde dentro, de dentro daquilo que sufoca, de dentro dos armários que limitam o corpo e estrangulam o pensamento.

Foi preciso, assim, deslocar o corpo, o pensamento e os móveis, foi preciso queimar o breu que encobria as receitas e os padrões de vida, para que outras imagens e efeitos pudessem surgir daquilo que já estava guardado ou no aguardo.

[. . .]

Carta que produz presença

[...] exercitar a si mesmo[A] para viver como se deve.

[...] ter coragem de pertencer a si mesmo.

- Mulheres - Liberdade -
- Dominação - Patriarcado - Rompimento -
- Visibilidade - Escrita de si -

Escrever cartas foi, portanto, uma das fontes escritas acerca da história de muitas mulheres e, ao mesmo tempo, uma das formas de romper com a invisibilidade feminina.¹⁴

¹⁴ "A vida invisível": por entre cartas, corpos de mulheres e processos de subjetivação, por Rosimeri de Oliveira Dias e Denize Sepulveda, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/revislav/article/view/43874/pdf>.

GÊNERO E SEXUALIDADE

Insistências e implicações

“E é apenas por meio de uma forma insistente de aparecer precisamente quando e onde somos apagados que a esfera da aparência se rompe e se abre de novas maneiras”

(BUTLER, 2018, p. 44).

Mobilizada pela insistência nas implicações de gênero e sexualidade no campo da educação e das artes, bem como nos periódicos desta área, levando em conta a premissa de que tais implicações têm sido colocadas em segundo plano ante as demais demandas com que a área tem se preocupado, sigo insistindo nelas, em um movimento de resistência. Percebo a linguagem como um terreno de disputas e, para travar algumas discussões a esse respeito, alio-me a Judith Butler (2017, 2018) e a Guacira Lopes Louro (2013, 2014).

O conceito de gênero que Louro (2013, 2014) ressalta em seus escritos está ligado 'à história do movimento feminista contemporâneo', particularmente às feministas pós-estruturalistas, que, ao indagar as noções de sexo, sexualidade e corpo, empreenderam mudanças epistemológicas significativas no território dos estudos feministas. As abordagens feministas pós-estruturalistas amparam-se, especialmente, nas teorizações que focalizam a centralidade da linguagem, abordadas por autores como Michel Foucault e Jacques

Derrida, enquanto lugar onde são produzidas as relações que a cultura institui entre sujeitos, corpos, saberes e poderes.

A autora afirma, nesse sentido, que as diferenças sexuais e características biológicas serviam como justificativa para entender as desigualdades sociais entre homens e mulheres, destacando que:

É imperativo contrapor-se a esse tipo de argumentação. É necessário demonstrar que não são propriamente as características sexuais, mas é a forma como essas características são representadas ou valorizadas, aquilo que se diz ou que se pensa sobre elas que vai construir, efetivamente, o que é feminino ou masculino em uma dada sociedade e em um dado momento histórico. Para que se compreenda o lugar e as relações de homens e mulheres numa sociedade importa observar não exatamente seus sexos, mas sim tudo o que socialmente se construiu sobre os sexos. O debate vai se constituir, então por meio de uma nova linguagem, na qual gênero será um conceito fundamental (LOURO, 2014, p. 25).

Ainda segundo a autora, com o intuito de rejeitar a causalidade reducionista biológica implicada na utilização de termos como 'sexo' ou 'diferença sexual' por meio da linguagem, o movimento feminista nos anos 1970 começou a empregar *gender* como diferente de *sex*. Assim, o conceito de gênero passou a servir como ferramenta política e analítica, enfatizando “[...] a construção social e histórica produzida sobre as características biológicas” (LOURO, 2014, p. 26). Embora esses estudos priorizassem as mulheres, passaram a contemplar também os homens. Já no Brasil, o termo 'gênero' começa a ser utilizado no final dos anos 80.

Apesar de os conceitos de gênero e sexualidade estarem inter-relacionados, eles são distintos. Enquanto gênero se refere ao modo como o sujeito se identifica (mulher, homem, travesti etc.), sexualidade diz respeito às muitas formas como os sujeitos vivem seus desejos e prazeres corporais (homoafetivo, heteroafetivo, bifaetivos etc.). E, como infere Jeffrey Weeks (1993, apud LOURO, 2014, p. 30), “[...] a sexualidade tem tanto a ver com as palavras, as imagens, o ritual e a fantasia como com o corpo”.



[...] Incômodos

[...]a ausência de incômodo perturba!

O incômodo acontece quando artefatos culturais como os Rebeldes, entram na sala de aula para 'atrapalhar' o desenvolvimento das disciplinas e a aplicação dos conteúdos previstos.

- Masculinidade - Artefatos culturais -
- Sexualidade - Normatização -
- Discursos - Ausências -

Sendo a heteronormatividade a regra geral, aqueles que não se adequam à regra acabam sendo isolados e repudiados¹⁵.

¹⁵ Incômodo nas salas de aula: Cenas para pensar discursos de heterossexualidade, por Luciana Borre Nunes, 2013. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/revislav/article/view/10733/pdf>.



Já Butler (2018) teorizou sobre a performatividade de gênero, afirmando que esta não pode ser caracterizada simplesmente pelo que fazemos, mas também pelas maneiras pelas quais o poder institucional e o discurso afetam os sujeitos, que acabam por restringir suas próprias ações. Ao falar que o gênero é performativo, a autora infere que se trata de um tipo de representação, ou seja, “[...] significa que uma pessoa não é primeiro o seu gênero e então, depois, decide como e quando representá-lo” (BUTLER, 2018, p. 68). O que importa perceber é quando, como e diante de quais consequências ocorre essa representação, pois todos esses fatores mudam o gênero com o qual a pessoa se identifica.

Butler (2018) menciona, ainda, que não é possível dissociar o gênero que se é da sexualidade que se afirma. Nessa perspectiva, a sexualidade

[...] não precede o direito; o exercício da sexualidade é um exercício do direito de fazer precisamente isso. É um momento social no espaço da nossa vida íntima, e um momento que reivindica igualdade; não são apenas o gênero e a sexualidade que são em algum sentido performativos, mas também suas articulações políticas e as reivindicações feitas em seu nome (BUTLER, 2018, p. 64).

Ante tais apontamentos, importa considerar que os sujeitos estão em constante produção, na dinâmica tanto do gênero quanto da sexualidade. Portanto, a partir dessa leitura – e como compreendo aqui –, não é possível definir/fixar a ocasião em que a identidade sexual ou de gênero foi estabelecida, pois ela é instável e passível de mudança.

Diante disso, tendo em vista a carência de produções que abordem a temática das relações de gênero e sexualidade no campo da educação e artes no Brasil, problematizo essa ausência, invisibilidade ou baixa inserção na RDLAV e suas reverberações. Sendo assim, torno-me cúmplice de Loponte para pensar a RDLAV como arquivo.

Há muito percebo que a problematização e articulação de temas marginais como gênero e arte são, de alguma forma, determinantes para se pensar o que se faz em ensino de arte. No entanto, não são temas que façam parte da maioria das análises sobre arte e educação, pelo menos aqui no Brasil. Na verdade, o campo dos estudos feministas e seus diálogos com a educação (de um modo geral), ainda tem um longo caminho a percorrer embora esteja avançando (LOPONTE, 2005, p. 3).

Embora esse fragmento de Loponte tenha sido publicado em 2005 e, desde então, tenhamos avançado, mesmo que a passos lentos, na articulação de temas marginais como sexualidade e gênero em diferentes áreas do saber, é inegável a sua atualidade ante os pronunciamentos e as tentativas de interdições alicerçadas pelos/as 'representantes' em exercício no atual governo brasileiro, os quais têm produzido e colocado em circulação discursos falaciosos sobre uma 'ideologia de gênero', supostamente 'ensinada' nas escolas, a partir da distribuição de livros denominados 'kit gay', bem como ante os pronunciamentos que implicam papéis demandados sobre feminilidade e masculinidade e que reverberam na sociedade em geral. Sobre essas declarações, entendo que em nada contribuem para as discussões acerca dos diferentes modos de existir e viver, que também são legítimos e que

afetam diretamente os sujeitos que não se enquadram nas normas estabelecidas como 'sadias' ou 'normais' de ser e estar no mundo.

Acerca das normas culturais e sociais de gênero, Butler (2018) afirma existir uma 'idealidade',

[...] quando não uma dimensão fantasmática [...] e mesmo que humanos emergentes busquem reiterar e acomodar essas normas, eles certamente também tomam consciência de uma persistente lacuna entre esses ideais – muitos dos quais são conflitantes uns com os outros – e os nossos vários esforços de corporificação vividos, nos quais nosso próprio entendimento e o entendimento dos outros têm finalidades opostas. Se o gênero vem a nós como uma norma de outra pessoa, ele reside em nós como uma fantasia ao mesmo tempo formada pelos outros e parte da nossa formação (BUTLER, 2018, p. 37).

A autora também menciona que a linguagem opera de maneira poderosa, pois ela tem poder de “[...] produzir uma nova situação ou de acionar um conjunto de efeitos” (2018, p. 35). E o enunciado, por sua vez, gera a existência daquilo que pronuncia e também pode fazer com que uma série de eventos decorra como resultado desse enunciado.

[...]

Caçarola da cultura visual

[...]os discursos que fui construindo e que de algum modo foram se configurando na produção de meu caderno e de minha relação com a prática culinária. Discursos esses que não se encerram no ato de cozinhar e de seu registro no caderno, mas que invadem também minha prática docente influenciando e condicionando as abordagens no tocante à questão de gênero.

**- Caderno de receitas -
- Artefato construído por mulheres -
- Cuidado do lar - Marido - Filhos -**

Tal visualidade acaba por invocar concepções acerca do feminino que, embora na contemporaneidade se profira dotado de múltiplas possibilidades características em sua manifestação, desvela sob discursos ocultos o manutenção de condutas pré-definidas para se construir mulher¹⁶.

¹⁶ Gênero, docência e cadernos de receita na caçarola da cultura visual, por Juzelia Moraes Silveira, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/revislav/article/view/4078>.

Nesse contexto, torna-se imperativo “[...] o combate por livrar o desejo da submissão às tóxicas categorias dominantes nos âmbitos da sexualidade e dos supostos gêneros, as quais geram as condições para a expropriação da pulsão vital e sua cafetinagem” em todas as outras esferas da vida (ROLNIK, 2018a, p. 24-25).

Assim, vale dar impulso às proposições que desestabilizam, que ‘fazem vacilar esses discursos’, como no caso dos escritos de Taís Ritter Dias (2017), que, em sua investigação de mestrado, apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da UFRGS (PPGEDU), abordou a relação entre estudos de gênero e o ensino de artes visuais em escolas. Apoiada nas teorizações de Michel Foucault, no que se refere a dinâmicas de resistência e poder, assim como, nas discussões de Guacira Louro, Judith Butler, Margareth Rago, Beatriz Preciado e Joan Scott no que concerne às teorizações feministas sob o viés pós-estruturalista, apresentou como problema de pesquisa a seguinte questão: “[...] como as abordagens feministas em relação às artes visuais podem alimentar práticas de resistência aos discursos hegemônicos envolvendo gênero que incidem sobre o ensino de arte?” (DIAS, 2017, p. 9).

Para a problematização dessa questão, a autora empreendeu dois movimentos. No primeiro movimento, realizou uma contextualização às voltas de algumas representações de gênero e alguns discursos cristalizados na esfera das artes visuais, presentes na urdidura política recente que envolvem educação e gênero, assim como ensino da arte. Apresentou como materialidades da investigação memes, documentários, trabalhos artísticos, imagens,

relatos de cenas escolares e ditos diversos, materialidades que, de acordo com a autora, irrompem inúmeras práticas de resistência e enfrentamentos, bem como rejeições aos discursos hegemônicos.

No segundo movimento, realizou um levantamento de artigos que abordavam as questões de gênero e ensino de arte nos anais do Congresso Nacional da Federação de Arte-Educadores do Brasil (CONFAEB) e nos anais dos Encontros Nacionais da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas (ANPAP). A partir dos materiais pinçados, foram produzidas análises e interrogações no que concerne às ponderações teórico-metodológicas mobilizadas para pensar a dinâmica poder/resistência na paisagem feminista pós-estruturalista e no pensamento foucaultiano.

Assim, constatou-se as potencialidades das práticas expostas pelos/as autores/as e as estratégias operadas na discussão do tema em questão, bem como alguns riscos e armadilhas ligadas a certas abordagens. Por fim, a pesquisadora esboçou algumas possibilidades de intervenções feministas para o ensino de arte, sugerindo que as discussões sobre gênero não sejam limitadas à inserção de mulheres artistas no campo da arte, mas que seja assumida uma postura problematizadora ante as abordagens e narrativas desenvolvidas nas práticas docentes, assim como, aos discursos de senso comum que se fazem presentes na escola e nas questões levadas pelos/as estudantes. Dessa forma, a

pesquisa conclui que é preciso “[...] fazer vacilar discursos discriminatórios, racistas, misóginos e excludentes presentes na escola” (DIAS, 2017, p. 8).

Ainda pensando sobre os discursos e seus efeitos em relação ao momento que estamos vivendo, Paul B. Preciado (2018, p. 11-12) aponta os textos de Rolnik (2018) como

[...] um oráculo que nos fala de nosso próprio futuro mutilado. Vêm nos recordar que o que estamos vivendo não é um processo natural, mas uma fase a mais de uma guerra que não cessou: a mesma que levou à capitalização das áreas de preservação de terras indígenas, ao confinamento e ao extermínio de todos os corpos cujos modos de conhecimento ou afecção desafiavam a ordem disciplinar, à destruição dos saberes populares em benefício da capitalização científica, à caça às bruxas, a captura de corpos humanos para serem convertidos em máquinas vivas da plantaço colonial; a mesma guerra na qual lutaram os revolucionários do Haiti, as cidadãs da França, os proletários da Comuna, aquela guerra fez surgir a praia sob os paralelepípedos, das ruas de Paris em 1968, a guerra dos soropositivos, das profissionais do sexo e das trans no final do século XX, a guerra do exílio e da migração... (PRECIADO, 2018, p. 11-12).

O autor e a autora escrevem que, o que estamos vivendo não são processos naturais e tem implicação direta na produção das “[...] formas dominantes de subjetivação” (PRECIADO, 2018, p. 16). Percebo, aliada a essas ideias, a necessidade de problematizar os discursos construídos que circundam as relações de gênero e sexualidade, já que eles produzem verdades que podem ser desconstruídas e questionadas, para que possíveis insurgências micropolíticas possam ser acionadas. A esse respeito, Louro também afirma que precisamos nos voltar para “[...] práticas que desestabilizem e desconstruam a naturalidade,

a universalidade e a unidade do centro e que reafirmem o caráter construído, movente e plural de todas as posições" (2013, p. 53).

Ao seguir por vias disformes a essas naturalizações, pela constituição de uma micropolítica ativa, guiada por uma bússola ética, que aponta para aquilo que a vida requer para perseverar, movo-me por afirmação, afirmo a própria vida. Trata-se "[...] de um combate pela vida" (ROLNIK, 2018a, p. 135), isto é, de uma luta 'pelo direito de existir'. Assim, com esta dissertação busco também inscrever na pesquisa pulsões de vida em sua "[...] essência germinativa", pois "[...] o objetivo deste modo de operação, muito próprio do combate micropolítico, é suscitar formas de resistência frente ao abuso", para, então, desarticular os efeitos de poder que "[...] nos fazem permanecer inertes, subalternos às relações de poder" (ROLNIK, 2018a, p. 135).

Pois, é a desconformidade, o que se encontra 'fora' da lei, que nos permite perceber o mundo que parece inquestionável das categorizações sexuais e de gênero enquanto mundo construído, o qual "[...] certamente poderia ser construído diferentemente" (BUTLER, 2017, p. 191), a fim de que seja possível afirmar a multiplicidade dos corpos e seus modos de existir fora do padrão binário e biologista, tomado como 'norma'.

PALAVRAS QUE TRAVAM

**ou sobre o esboço de
outros possíveis**



Série II, fotografia e manipulação digital, Rafael Durante, 2016.

“Como existir aos olhos daqueles que não nos olham?”

(DELIGNY, 2018, quarta capa).

Arrisco-me a dizer que é fazendo mundos, devindo todo mundo, fazendo do mundo um devir (DELEUZE; GUATTARI, 2012b), travando batalhas, vasculhando territórios, buscando zonas de vizinhança e percebendo aquilo que as palavras que travam “[...] se põem a querer dizer” (DELIGNY apud RESENDE; MIGUEL, 2015, p. 143)...

Mergulhando...

transfigurando-se...

Entre caçarolas, marcas na pele da cidade, cartas, corpos visíveis e invisíveis ou em meio a turbilhões de acontecimentos, mudanças nos modos de viver, na degustação de palavras, que muitas vezes, possuem um sabor um tanto amargo e até mesmo um gosto de morte. São necessárias pequenas investidas, existir de mergulho em mergulho, embora em alguns deles possa ser mais difícil recobrar o fôlego.

Atenta àquilo que fazia o peito palpitar, o corpo travar e revirar-se em desconfortos, busquei efetuar deslocamentos e alianças para poder voltar a respirar e [r]existir. Busquei inicialmente problematizar as ausências e as interdições dos jogos discursivos e de forças entre gênero e sexualidade expostos e postos em circulação pela RDLAV, para ouvir outras vozes, ouvir os murmúrios que delas ecoavam.

No intento de conjugar outros verbos para desarticular aquilo que trava o pensamento, o corpo e a vida, percebi que era necessário traçar linhas abertas que acolhessem aquilo que foi acontecendo no percurso. Apostei na experimentação para empreender um arquivo entrecruzado por lapsos de vida, por muitas vozes e mãos, por silêncios e gritos, por intervalos e por presenças, para que limites e padrões fossem borrados e a invenção fizesse vazar para fora do que condiciona, reprime e protege.

Aliada a isso, friccionei diferentes abordagens sobre arquivo para que fosse possível gestar uma pesquisa pelo viés da criação e da experimentação, na qual a conversação entre arquivo, gênero e sexualidade acontecesse. Atentei para a produção de composições com palavras que travam, encontradas nos artigos da RDLAV, pelas quais fui sendo capturada. Percebendo seus murmúrios, intentei fazê-las fugir para outros lugares, procurei torcê-las para criar algumas indagações, deslocando-as de seus eixos.

Apostei em torções na noção usual de arquivo para engendrará-la enquanto metodologia da pesquisa, junto de um movimento de alargamento da lei do que pode ser

dito, o que corroborou à proposição de um arquivo que opera de outro modo, que permite dizer, ou ao menos pensar, um pouco mais do que o costumeiro no que se refere às relações de sexualidade e gênero, possibilitando, assim, tramar entre as palavras, as imagens e os conceitos outros possíveis. O objetivo foi realizar um movimento de criação em meio à paralisia de nossos dias de isolamento.

Portanto, o arquivo pode ser a escrita de um novo texto – roteiro aberto – em que a cena clássica do "opressor e oprimido" precisa ser inventada, neles os personagens estão livres, não havendo papéis fixados. Pensar as relações de gênero e sexualidade por esse viés permite "[...] desertar do roteiro do abuso" (ROLNIK, 2018a, p. 136) para transfigurar-se em outros personagens ou mesmo abandonar a cena, já que, no momento em que isso acontece, o opressor fica conversando sozinho e torna-se impossível sustentar a cena.

Ademais, encontrei potência para tal na poesia de Ryane Leão (2020), em que a autora fala que “[...] água parada só se mexe quando a gente mergulha e transforma em movimento”. Da mesma forma, avizinhei-me ao ‘arquivo-Deligny’ desenvolvido por Resende e Miguel (2015), um arquivo que, segundo eles, não se limita a um ponto final, pois, vivo e coletivo, está sempre em processo de produzir-se, transbordando os limites e se afirmando em resistência.

Em vista disso, fui produzindo o que denominei ‘mergulhos provisórios’, os quais foram pensados como movimentos de saídas e entradas, que também transbordam para outros

lugares além das páginas desta dissertação. Sem destituir as palavras de suas vozes, mas compondo outros arranjos junto delas com imagens produzidas e acionadas pelos efeitos provocados durante os mergulhos, atentei para que diferentes narrativas, composições e questões fossem fabricadas.

Assim, o movimento de composição desta dissertação desobedeceu a uma linearidade, a um encadeamento aglomerado de dados, e a cada mergulho também lançou convites para que as/os leitoras/es pudessem se aproximar deste arquivo/mundo em que mergulhei (RDLAV), produzindo seus próprios movimentos em meio ao que foi possível produzir na conversação entre arquivo, gênero e sexualidade. Ressalto que não tive a pretensão de chegar a um resultado único, fixo e delimitado que denotasse a receita de um modo de fazer pesquisa, mas de produzir funções criadoras em uma pesquisa em educação e artes, apostando no caráter transgressor e de resistência da arte, pois é ela que “[...] resiste à morte, à servidão, à infâmia, à vergonha” (DELEUZE, 1992, p. 215).

Produzir um arquivo-pesquisa dá-se pela escolha de pontos focais; é ver por brechas, habitar possíveis, entre becos úmidos e escuros, e continuar escrevendo mesmo quando nos faltam palavras...

Cada artigo, estudo e autor/a que adentrou esta pesquisa traçou linhas férteis ao pensamento, cada voz ecoada foi somada à minha própria voz, que, longe de querer dar conta de tudo e contornar uma totalidade, emergiu por fragmentos compostos por imagens

e discursos, que respingaram e contaminaram esse arquivo-pesquisa e também esta pesquisadora. Incitaram a pensar possíveis vias de reapropriações coletivas que favorecessem a 'germinação dos embriões de mundos' que pudessem ressoar entre os corpos e provocar a sua união, para que estes produzam "[...] um ninho para o nascimento de outros modos de existência e suas perspectivas cartografias" (ROLNIK, 2018a, p. 142). Nesse sentido, adentrar outros espaços e integrá-los, mesmo que de modo provisório, é fundamental para que seja possível fabricar/criar, fazer ver e circular outras narrativas que não somente as previstas para tais espaços.

Que a vontade por leituras e escritas mais livres e singulares não caia no limbo das mortificações reativas que insistem em atentar contra os corpos que dissonam dos padrões hegemônicos. E que possamos seguir traçando desvios em nossos caminhos desejanter, tão legítimos quanto os outros.

Que seja possível criar modos de existência e de pesquisar mais livres, onde em cada encontro algo nos atinja e produza alguma coisa que não interesse à clausura e à fixidez, mas que atente aos seus efeitos e às suas ressonâncias. Pois, *'todo cambia'*.

REFERÊNCIAS

BASTOS, Felipe; GONÇALVES, Eduardo. Quem nasce em Bacurau é gente? Gênero e precariedade de vida no filme Bacurau. **Revista Digital do LAV**, Santa Maria, v. 13, n. 2, p. 236-253, maio/ago. 2020. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/revislav/article/view/44052>>. Acesso em: 25 out. 2020.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Tradução de Renato Aguiar. 13. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2017.

BUTLER, Judith. **Corpos em aliança e a política das ruas: notas para uma teoria performativa de assembleia**. Tradução de Fernanda Siqueira Miguens, revisão técnica de Carla Rodrigues. 1. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018.

COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTO DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR (CAPES). **CAPES melhora ferramentas de avaliação da pós-graduação**. Brasília, 18 jul. 2019. Disponível em: <<https://uab.capes.gov.br/36-noticias/9730-capes-melhora-ferramentas-de-avaliacao-da-pos-graduacao>>. Acesso em: 25 out. 2020.

CORAZZA, Sandra Mara. **O que se transcria em educação?** Porto Alegre: UFRGS; Doisa, 2013.

CORAZZA, Sandra Mara. Introdução ao Método Biografemático. **Em Tese**, Belo Horizonte, v. 20, n. 3, p. 48-65, set./dez. 2014.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Tradução de Peter Pál Pelbart. São Paulo: Editora 34, 1992.

DELEUZE, Gilles. O que é um dispositivo. In: DELEUZE, Gilles. **O mistério de Ariana**. Tradução de Ernesto Sampaio. 3. ed. Lisboa: Nova Vega, 2015. p. 83-96.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia 2**. Tradução de Peter Pál Pelbart e Janice Ciafa. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2012a. v. 5.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil Platôs: capitalismo e esquizofrenia 2**. Tradução de Suely Rolnik. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2012b. v. 4.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Diálogos**. Tradução de Eloisa Araújo Ribeiro. São Paulo: Escuta, 1998.

DELIGNY, Fernand. **O aracniano e outros textos**. Tradução de Lara de Malimpensas. 2. ed. São Paulo: n-1 edições, 2018.

DERRIDA, Jacques. **Mal de arquivo: uma impressão freudiana**. Tradução de Claudia de Moraes Rego. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

DIAS, Rosimeri de Oliveira; SEPULVEDA, Denize. "A vida invisível": por entre cartas, corpos de mulheres e processos de Subjetivação. **Revista Digital do LAV**, Santa Maria, v. 13, n. 2, p. 100-125, maio/ago. 2020. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/revislav/article/view/43874/pdf>>. Acesso em: 27 out. 2020.

DIAS, Taís Ritter. **Ensino de arte e feminismos: urdiduras entre relações de poder e resistências**. 2017. 206 p. Dissertação (Mestre em Educação) – Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017.

DIAS, Taís Ritter; LOPONTE, Luciana Gruppelli. Gênero e ensino de Artes Visuais: desafios, armadilhas e resistências. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 27, n. 3, e56280, dez. 2019. Disponível em: <https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-026X2019000300200&lng=en&nrm=iso&tlng=pt&fbclid=IwAR35UTzeuobZi8fNe_ip7MXLSihzZiukWkiwdSU_w5yJy1HxKP2XOJCI02E>. Acesso em: 08 set. 2020.

DURANTE, Rafael A. Entrevista com o pesquisador. 2016.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Problematizações sobre o exercício de ver: mídia e pesquisa em educação. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 20, p. 83-94, 2002.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. **Trabalhar com Foucault**: arqueologia de uma paixão. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 5. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 6. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

FOUCAULT, Michel. **Ética, sexualidade, política**. Ditos e escritos V. Organização e seleção de textos de Manoel Barros da Motta. Tradução de Elisa Monteiro e Inês A. D. Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 7. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

GALLO, Sílvio. **Deleuze & a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

GALLO, Sílvio. As múltiplas dimensões do aprender. In: ANAIS DO CONGRESSO DE EDUCAÇÃO BÁSICA: APRENDIZAGEM E CURRÍCULO, 2, 2012, Florianópolis. **Anais...** Florianópolis: Prefeitura Municipal de Florianópolis, 2012. p. 1-10.

GALLO, Sílvio. Em torno de uma educação menor: variáveis e variações. In: **Filosofias da diferença e educação**. BRITO, Maria dos Remédios de; GALLO, Sílvio (Org.). São Paulo: Editora Livraria da Física, 2016. p. 15-46.

GARLET, Francieli Regina. **Entre o visível e o enunciável em educação**: o que pode uma docência que cava a si mesma? 2018. 133 p. Tese (Doutorado em Educação) – Programa

de Pós-Graduação em Educação da UFSM, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2018.

GONÇALVES, Cleberson Diego; STUBS, Roberta; MAIO, Eliane. Poéticas dissidentes na arte urgente: um princípio indisciplinar na sociedade contrassexual. **Revista Digital do LAV**, Santa Maria, v. 12, n. 3, p. 91-111, set./dez. 2019. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/revislav/article/view/37894/pdf>>. Acesso em: 25 out. 2020.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolítica**: cartografias do desejo. 10. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.

LEÃO, Ryane. **Guia para olhar para si com mais leveza**. [S.l.], 8 set. 2020. Instagram: @ondejazzmeucoracao. Disponível em: <https://www.instagram.com/p/CE5T2NCJ_p0/>.

LOPONTE, Luciana Gruppelli. Docência artista: arte, gênero e ético-estética docente. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 28., 2005, Caxambu. **GT08 - Formação de Professores**. Caxambu: ANPED, 2005. p. 1-16.

LOPONTE, Luciana Gruppelli. Docência artista: arte, gênero e ético-estética docente. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 43, n. 43, p. 35-55, 2006.

LOPONTE, Luciana Gruppelli. Arte e estética da docência: conversas com Nietzsche e Foucault. In: SEMINÁRIO DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO DA REGIÃO SUL, 7., 2008, Itajaí. **Anais...** Itajaí: UNIVALI, 2008. p. 1-16.

LOPONTE, Luciana Gruppelli. Arte para a docência: estética e criação na formação docente. **Education Policy Analysis Archives**, Arizona, v. 21, n. 25, p. 1-22, 2013.

LOSEKANN, Denise Meller. **Entre produções docentes e artísticas** – modos de *artistar* uma docência. 2018. 79 p. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Artes Visuais) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2018.

LOURO, Guacira Lopes. Currículo, gênero e sexualidade – O “normal”, o “diferente” e o “excêntrico”. In: LOURO, Guacira Lopes; NECKEL, Jane Felipe; GOELLNER, Silvana Vilodre (Org.). **Corpo, gênero e sexualidade**: um debate contemporâneo na educação. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 43-53.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. 16. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

MARTINS, Larissa Pinto et al. Chanacomchana também é bacana! Imprensa lésbica e suas pedagogias culturais. **Revista Digital do LAV**, Santa Maria, v. 13, n. 2, p. 50-75, maio/ago. 2020. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/revislav/article/view/43257/pdf>>. Acesso em: 25 out. 2020.

MENDES, Rosilda et al. Movimentos de partida, deslocamentos e ressonâncias. In: MENDES, Rosilda; AZEVEDO, Adriana Barin; FRUTUOSO, Maria Fernanda. **Pesquisar com os pés**. Deslocamentos no cuidado e na saúde. São Paulo: Hucitec, 2019. p. 13-28.

NUNES, Luciana Borre. Incômodos nas salas de aula: cenas para pensar discursos de Heterossexualidade. **Revista Digital do LAV**, Santa Maria, ano 6, n. 11, p. 146-161, set. 2013. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/revislav/article/view/10733/pdf>>. Acesso em: 25 out. 2020.

OLIVEIRA, Bruna Tostes de; FERRARI, Anderson. **Revista Digital do LAV**, Santa Maria, v. 11, n. 3, p. 98-121, set./dez. 2018. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/revislav/article/view/31718/pdf>>. Acesso em: 25 out. 2020.

PERUZZO, Leomar; CARVALHO, Carla; GOTTARD, Pedro. Dilatação corporal, performance art e a docência: um percurso de criação visual. **Revista Digital do LAV**, Santa Maria, v. 11, n. 3, p. 47-66, set./dez. 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/revislav/article/view/32841/pdf_1>. Acesso em: 25 out. 2020.

PRECIADO, Paul B. *La izquierda bajo la piel: um prólogo para Suely Rolnik*. In: **Esferas da insurreiçã**o: notas para uma vida não cafetinada. São Paulo: n-1 edições, 2018. p. 11-21.

RESENDE, Noelle; MIGUEL, Marlon. Fernand Deligny e o gesto da escrita: escrita-traçar, território comum e iniciativa popular. **Cadernos de Subjetividade**, São Paulo, n. 18, p. 137-150, 2015. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/cadernos subjetividade/article/view/38750/26303>>. Acesso em: 28 maio 2020.

REVISTA DIGITAL ART&. São Paulo: [s.n.], 2003-2016. ISSN 1806-2962. Disponível em: <<http://revistadigitalart.blogspot.com/>>. Acesso em: 25 out. 2020.

REVISTA DIGITAL DO LAV (RDLAV). Santa Maria: UFSM, 2008-. Quadrimestral. ISSN 1983-7348. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/revislav>>. Acesso em: 25 out. 2020.

REVISTA GEARTE. Porto Alegre: UFRGS, 2014-. Quadrimestral. ISSN 2357-9854. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/gearte>>. Acesso em: 25 out. 2020.

ROLNIK, Suely. **Esferas da insurreiçã**o: notas para uma vida não cafetinada. São Paulo: n-1 edições, 2018a.

ROLNIK, Suely. Entrevista com Suely Rolnik concedida a Leonardo Nascimento. **Pernambuco** – Suplemento Cultural do Diário Oficial do Estado, Recife, 10 dez. 2018b. Disponível em: <<http://www.suplementopernambuco.com.br/entrevistas/2206-entrevista-suely-rolnik.html>>. Acesso em: 24 abr. 2019.

SABIÁ, Ana Paula. A fotografia performática de Claude Cahun. **Revista Digital do LAV**, Santa Maria, v. 12, n. 1, p. 54-81, jan./abr. 2019. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/revislav/article/view/32200/pdf>>. Acesso em: 27 out. 2020.

SILVA MIGUEL, Iván Gregorio. **Professores e ensino médio brasileiro na Revista Educação/UFSM**: um arquivo sobre a produção de sujeitos na governamentalidade neoliberal. 2018. 228 p. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação da UFSM, Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2018.

SILVA, Sandra Kretli da; PARÁISO, Marlucy Alves. **Revista Digital do LAV**, Santa Maria, v. 13, n. 2, p. 126-147, maio/ago. 2020. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/revislav/article/view/44121>>. Acesso em: 25 out. 2020.

SILVEIRA, Fernando de Almeida; FURLAN, Reinaldo. Corpo e Alma em Foucault: Postulados para uma metodologia da Psicologia. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 14, n. 3, p. 171-194, 2003. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/psicousp/article/view/42244>>. Acesso em: 01 jun. 2019.

SILVEIRA, Juzelia de Moraes. Gênero, docência e cadernos de receita na caçarola da cultura visual. **Revista Digital do LAV**, Santa Maria, ano 5, n. 8, p. 67-81, set. 2013. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/revislav/article/view/4078>>. Acesso em: 25 out. 2020.

SOLIS, Dirce Eleonora Nigro. Tela desconstrucionista: arquivo e mal de arquivo a partir de Jacques Derrida. **Revista de Filosofia Aurora**, Curitiba, v. 26, n. 38, p. 373-389, maio 2014. Disponível em: <<https://periodicos.pucpr.br/index.php/aurora/article/view/1096/1021>>. Acesso em: 18 set. 2018.

WILLIAMS, James. **Pós-estruturalismo**. Tradução de Caio Liudvik. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.